O Malho
ANNO XXXIV
NUMERO 94
21 - Março - 1935
Preço 1$200
Walter Maya

Ecos do carnaval

Jorge Ferreira de Souza, ajudante do nosso photographo, que pintou a manta no carnaval.

Senhorita Maria Vieira, eleita rainha do Club Original, sociedade carnavalesca de Bello Horizonte, fundada por operarios.

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880

Telephones: 23-4422 e 22-8073 – Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O MALHO em rotogravura

Um desarranjo imprevisto numa das secções das nossas officinas graphicas, impediu O MALHO de apresentar, na presente, assim como na anterior edição, a sua parte em rotogravura, modificando o aspecto habitual desta revista. No proximo numero, entretanto, provavelmente esta falta já estará perfeitamente sanada.

O proximo numero d'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

EMBRIAGUEZ DE VERÃO
Chronica de Henriqueta Lisboa — Illustração de Pinho

NORTE E SUL — O BARCO — O CÉO
Tres poesias de Leoncio Correia — Illustração de Fragusto

MANOBRAS DE TERRA E MAR
Pensamentos de Berilo Neves — Illustração de Cortez

CENTENARIO DE CAMPOS
Chronica de Hermeto Lima

SECÇÕES DO COSTUME

ACREDITEM OU NÃO...
Por Storni

DE CINEMA
Por Mario Nunes

SENHORA
Supplemento feminino sob a orientação de Sorcière

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que... — Carta enigmatica e palavras cruzadas — De tudo um pouco e Caixa d'O MALHO.

OLHOS PREGUIÇOSOS

Essa linda preguiça dos teus olhos,
essa enorme indolencia, essa infinita
morbideza que o meu amor concita
ao Peccado; a preguiça dos teus olhos...

Essa linda preguiça dos teus olhos
parece ás vezes que a me olhar imita
tambem melliflua, apathica, bonita
a expressão moribunda de outros olhos.

Essa linda preguiça dos teus olhos
toda feita de visco de resina
pegou-me d'alma aos ultimos refolhos

um amor da inquietude dos meus olhos
por essa inquietude que se fina...
— Pela linda preguiça dos teus olhos.

VALENÇA LEAL

OBSESSÃO

Nesta douda carreira, na vertigem
de meus passos, buscando a perfeição,
quanto mais corro mais correr exigem
as altas ambições do coração.

Forças extranhas de uma extranha origem
e a fé e os soffrimentos e a illusão
e os sonhos e a esperança me dirigem
para o Sinai da glorificação.

E vou, na senda dos desejos loucos,
de olhos fechados e de ouvidos moucos
sem pensar no final da trajectoria,

— pois eu tenho a obsessão para as distancias
e procuro attingir as culminancias,
no meu anseio cósmico de gloria!

ARAUJO NETO

Nem todos sabem que...

A imprensa anglo-saxonia assignala que, entre as commemorações deste anno, não se deve olvidar a da invenção de Samuel Colt: a pistola de varios tiros, chamada revólver. Com effeito, em 1835, Samuel Colt, nascido em Hartford (Connecticut), em 1814, tirou patente de sua arma em Londres, em Paris e nos Estados-Unidos. Na data, fundou a "Colt's Patent Firearms Company", pequena sociedade que teve vida ephemera. Em 1847, o governo americano reconheceu a utilidade da nova arma. Foi o bastante para que o "sixshooter" se vendesse á grande, enriquecendo o seu inventor.

ESTÃO sendo adoptadas, em diversas cidades européas, uns pequenos utensilios para mesa: os "Yoyôs para saladas". Elles substituem com vantagem todos quantos têm apparecido. São vendidos nas lojas de louças, nos bazares, etc., á razão de 18 francos 50 centimos. Baptisaram-nos "Yoyôs" em virtude de lembrarem, por sua forma circular e quando fechados, aquelles brinquedos que, annos faz, tanto enlouqueceram as "creanças de todas as edades e de todos os paizes".

O "Yoyô para saladas" consiste num dispositivo rotativo no interior de um recipiente cylindrico a que um cordão enrolado sobre seu eixo imprime uma grande velocidade de rotação. A agua de lavagem é projectada nas paredes do recipiente metalico. O "Yoyô" constituiu um successo na "Feira das Artes Culinarias" de Paris, ha pouco encerrada.

NA Exposição Internacional de Paris, a ser inaugurada em 1937, vae figurar uma torre, que será a ultima das maravilhas. Terá 2.000 metros de altura, e se elevará no campo de manobras de Issy-les-Moulineaux. Será de cimento armado. Terá 3 plataformas circulares, nas alturas de 600, 1.500 e 1.800 metros, sendo protegidas por telhados inclinados, que impedirão os ataques de bombas sobre eles. Ao nivel dos aviões atacantes, os telhados poderão affrontal-os e fazel-os recuar. Servil-a-ão para a subida elevadores possantes, movidos pela casa de machinas fornecedora da illuminação da torre. O diametro do monumento será de 100 metros, na base, e de 40, no apice. Sua superficie abrangerá um espaço de 65.000 metros quadrados, o bastante para permittir que a circumdem 180.000 pessoas. Nos tres andares, haverá logares para 50.000 espectadores. A cada andar levará uma rampa suave em espiral, de 10 metros de largura e de 30 metros de comprimento.

Cada rampa poderá acolher um milhar de pedestres.

ENTRE 1924 e 1928, um industrial italiano, Vincenzo Corrente, fundou em Castello, Florença, um grande estabelecimento de ceramica, a "Aetruria Ars". Occupa uma área de 2.500 metros quadrados, e tem figurado em muitas exposições, e seu director fez parte dos jurys de honra na E. Internacional de Paris e na de Bruxellas. Das principaes obras-primas da "Aetruria" cita-se uma grandiosa amphora medindo 2 metros e meio de altura por 80 centimetros de largura.

Ella é ricamente decorada com assumptos historicos, relembrando os feitos de Colombo e os da aviação italiana.

JA' ha um processo engenhoso para se apanhar a mosca *tsé-tsé*, o terrivel culicideo transmissor da molestia do somno. Constroem-se manequins representando cavallos ou bois e recobertos inteiramente com a pelle de taes quadrupedes. No ventre, onde o diptero morde de preferencia, estabelece-se uma especie de janella de pequenas dimensões, illuminada interiormente. Attrahida pela luz, a *tsé-tsé* tenta approximar-se, e, fazendo mover-se um alçapão, fica prisioneira. Não se póde calcular a quantidade de *tsé-tsés* apanhadas, todos os dias, graças á nova armadilha.

ESTUDANTE

ABRIU um numero consideravel de compendios. Inutil. As formulas e as explicações respectivas eram-lhe nullas. Passava tudo aquillo pela sua cabeça, sem deter lá dentro nenhum vestigio de entendimento.

Exame ás duas e quarenta e cinco da tarde. Uma pinoia! Não sabia nada. Patavina. E peior: mathematica. Exame ruim. Talvez não fosse. Isto é, fosse apenas ruim para elle que não nascera inclinado para a positividade dos numeros. Só para elle, não. Quasi ninguem na turma tinha felicidade de metter aquella embrulhada toda dentro da cabeça.

Não obstante, havia lá uns dois ou tres que, vencendo mesmo as difficuldades vindas do complexo da materia e do confuso do methodo do professor, conseguiam enfiar aquellas formulas todas, resolver todas aquellas equações e alcançar nos exames uma média razoavel.

Mas só elles. Uns dois ou tres.

O resto podia-se muito bem nivelar pelo desconhecimento mais ou menos absoluto da mathematica. E elle então... Era uma lastima. Não tinha geito. Tentava. Estudava. Desistia. Exame. Que situação horrivel!

De manhã deixára a cama muito cedo. Uma coisa incommoda. Levantar de manhã. Um friozinho gostoso que é o convite mais seductor para a gente dormir mais... Tinha gasto a noite. Ia gastar a manhã. Podia ser que conseguisse impingir qualquer coisa da mathematica ao seu cerebro, muito pouco propenso a acceital-a.

Tomou café. Leu os jornaes. E subiu. Arrastou da sua estante oito mathematicas. Teve oito desillusões e oito agonias. Resolveu desistir. Mais um fracasso. Não era o primeiro, não fazia mal. Já uma vez — aula — foi ao quadro-negro e se atrapalhou numa conta de dividir. Mais nervoso do que ignorancia. Se atrapalhou. Sentou-se. Outro rapaz foi ao quadro-negro e concluiu a operação.

Deixou a aula nesse dia e foi p'ra casa. Tirou a roupa. Ficou em trajes menores. Botou os oculos dentro do sapato. Puxou um livro em cima da mesa, e mergulhou os olhos nuns versos bonitos de Paul Verlaine. "Fêtes Galantes". Leu, releu. Ficou lyrico. Leu depois Stefan Zweig. Deixou-o por Emil Ludwig. Leu Chesterton e Papini. Depois abrasileirou-se e entrou por Humberto de Campos, acabando nuns versos muito doces de Olegario Marianno... A leitura cansa a vista. Tinha lido um bocado. Mais de cinco autores. As idéas brincavam-lhe no cerebro. Levantou, foi á escrivaninha. Arranjou umas folhas de papel, e ás cinco e vinte da tarde elle havia feito exactamente vinte e nove poemas. Poemas lyricos e doces. Vestiu-se, botou o chapeu. Foi passear na rua. Certa garota lhe inspirou mais um poema. Conta redonda. Trinta poemas. Se os ageitasse e reunisse tudo num volume, daria um livro batuta, não restava duvida. Esqueceu-se do fracasso. Era coisa longe, recuada. Lia e escrevia. Fazia discurso. O exame chegou. Ficou aperriado. Passou. O exame voltou. Estava novamente aperriado. Não sabia nada. Não aprendia nada. Fez poemas, escreveu. Almoçou.

As duas e quarenta e cinco entrou em banca de exame. Fez exame. Sahiu-se bem ás custas de uns auxiliozinhos constantes... Mais uma vez. Felicidade. Voltou á escrivaninha. Sentou-se. Estava sem vontade de produzir. Releu os poemas escriptos. Gostou.

Optimos. Lyricos. Mas agora estava sem vontade de fazer mais poemas. Indisposto. Preferia um cinema. Foi ao cinema. Voltou leve e satisfeito.

Recife-Setembro-1934.

José Cesar Borba

UM INVENTO PRECIOSO PARA O AUTOMOBILISMO

Em nossa edição de 27 de Dezembro do anno passado, publicamos, sob o titulo supra, noticia do extraordinario invento do

sub-official da armada, Sr. José de Souza Cardoso, o qual fôra approvado pela commissão technica da Aviação Naval e reconhecido de grande utilidade. Agora, o Ministro da Marinha acaba de distinguir esse inventor patricio, com o seguinte elogio publicado no Boletim do Ministerio.

«Manda elogiar o Sub-Official Motorista Aviador José de Souza Cardoso, pela competencia, habilidade e esforço demonstrados na realisação do seu invento, denominado «Alimentador de Emergencia» patenteado sob n. 22.126, conforme fez publico o «Diario Official» de 10 de Outubro do anno proximo findo. O invento compõe-se, de varios orgãos que combinados entre si, por uma manobra executada pelo motorista, abastece immediatamente o carburador, em caso de avaria ou pane naquelles orgãos de importancia vital no funccionamento do motor, evitando assim que o cano pare para se executar qualquer reparo que se necessite fazer nos referidos orgãos de alimentação do motor, ficando assegurado o funccionamento do motor do automovel até o fim de qualquer viagem por muito longa que seja.»

O "RADIO CLUB" E SEU NOVO "CAST"

Alda Verona, uma das artistas exclusivas do novo "cast" do "Radio Club do Brasil".

Ha, pelas nossas estações de radio, uma febre de renovação dos quadros artisticos, procurando, cada uma dellas, attrahir os escassos valores consagrados e disponiveis.

Os contractos de exclusividade são offerecidos com vantagens até agora ineditas, no nosso meio, e poucos serão, dentro em breve, os artistas bons e sem dono...

O "Radio Club do Brasil", que permanecia numa attitude retrahida a esse respeito, resolveu entrar tambem na lucta e já realisou, no "Rival", uma festa para a apresentação dos seus effectivos e exclusivos.

Além dos elementos que já figuravam no seu elenco, nelle passaram a formar o "Bando da Lua", Abigail Parecis, Boby Lazy, Almirante e varios outros.

Tambem Alda Verona, a brilhante cantora que encabeça o conjuncto de operetas da referida estação, mas que não tinha nenhum compromisso monopolisador, passou a ser exclusiva da P.R.A.-3, que assim inicia uma nova phase de movimentação artistica.

Com as suas novas attracções, o "Radio Club do Brasil" tende, evidentemente, para a conquista de uma popularidade que os "programmas classicos" nunca lhe deram...

— O governo brasileiro concedeu isenção de direitos e taxas para o material destinado á installação da "Radio Tupy", uma das nossas futuras transmissoras.

ONDE FALA A TECHNICA...

Moacyr Fenelon diz a O MALHO o que pensa sobre o radio nacional

Todos, nos meios de radio, acatam e proclamam a competencia de Moacyr Fenelon em assumptos de technica radiophonica.

Foi elle, durante muito tempo, gravador dos discos "Columbia", aqui no Rio, onde montou a estação da "Radio Cruzeiro do Sul", e actualmente é o technico de som da "Sonofilm", de São Paulo, que já nos está dando optimos "shorts" cinematographicos.

Ha dias, encontrando-o numa roda de gente de radio e com elle conversando sobre cousas do nosso "broadcasting", recolhemos opiniões suas a respeito de varios problemas que agitam o ambiente radiophonico.

Eis como nos falou Moacyr Fenelon:

— Não ha duvida. O radio brasileiro precisa mudar de orientação, si quer progredir e alcançar um desenvolvimento compativel com o de outros paizes. Obedecer aos modernos preceitos de uma technica especialisada. Seguir, no que fôr possivel, no que fôr adaptavel, o que se faz nos Estados Unidos, que reputo a melhor escola de radio de todo o mundo. Fugir do regimen de improvisação que entre nós impera. Na America do Norte, nenhuma estação acceita um artista que chegue sem as recommendações de uma excellente aprendizagem. E para isto existem cursos de aperfeiçoamento e de iniciação, que encaminham todo aquelle que deseje ingressar nos elencos de "broadcasting". Ha cursos para cantores, como ha para **speakers**, como ha para os chamados "announcers", que se encarregam da propaganda commercial, como ha para escriptores e para todos os ramos da actividade radiophonica.

— Que acha do systema dos **speakers** nacionaes que fazem propaganda como quem faz radio-theatro?

— Acho que desvirtuam a sua finalidade, sem negar o interesse que possa haver para o publico no seu processo. Esse interesse, entretanto, é muito precario. Dentro de pouco tempo o ouvinte ou fica mortalmente aborrecido com a repetição dos annuncios feitos nesse diapasão, ou fica exigindo a constante variação dos mesmos, o que exgotta a capacidade imaginativa de quem os faz. Para as estações, então, do ponto de vista commercial, esse systema acarreta prejuizos, pois todos os annunciantes querem cousas

sensacionaes, que chamem a attenção do publico para os seus negocios. O ideal, portanto, continúa a ser o **speaker** sem emphase, o typo "standard", consagrado em todas as partes do mundo como o mais efficiente e apropriado.

— Acredita na possibilidade de serem creadas cousas novas nas actuaes organisações cariocas e nas que se annunciam?

— Não. Por mais esforços que ellas façam, terão que cahir na rotina. Os valores, entre nós, são poucos e não se renovam. Os artistas são os mesmos, os directores de estações são os mesmos, e até os annunciantes são os mesmos... Durante um anno, na "Columbia", tentei descobrir gente nova. Fiz cerca de 800 provas de voz e não cheguei a aproveitar dez! Donde se conclúe que o brasileiro, em geral, não possue boa voz, nem vocação para o canto radiophonico, que é uma modalidade differente, exigindo mais expressão do que emissão. A prova disso está nos repetidos fracassos, aqui como em todos os Estados, das chamadas "Horas dos Novos". A gente tem, até, a impressão de que si morressem os seis ou oito grandes astros que possuimos, o radio brasileiro teria de desapparecer tambem... Ninguem os substituiria.

— Estando constantemente em São Paulo e no Rio, observou, de certo, o movimento radiophonico de lá e de cá, não é verdade?

— Observei e cheguei á conclusão de que, technicamente, as estações de São Paulo estão melhor apparelhadas que as do Rio, com excepção do "Radio Club do Brasil", que está em egualdade de condições com a "Radio Diffusora". Sob o ponto de vista artistico, o radio carioca é leve de mais e o paulista é um pouco pesado, pelo que não se pode estabelecer parallelos. Seria bom misturar os dois...

— Que suggestões indicaria para uma melhoria geral do nosso "broadcasting"?

— Suggerir é sempre muito facil. Tão facil como criticar. O difficil, em todos os assumptos, é realisar o que é bom. Mas ha cousas boas que são de facil realisação. Para bem do radio nacional, eu diria aos directores de estações que procurassem sentir as suas transmissoras não dentro dos seus proprios studios, mas fóra delles, com pessoas extranhas ao meio, em ambientes os mais diversos. Que não impuzessem á collectividade as suas preferencias pessoaes, deixando ao publico o direito de escolher alguma cousa... Eu diria ás orchestras de radio que não executassem orchestrações proprias para theatros e bailes, em geral violentas e gritantes. Eu diria aos operadores de estações que não se limitassem a ficar de phone ao ouvido, mas que interviessem sempre na distribuição dos sons, balanceando instrumentos e controlando as vozes, mesmo que fossem de "reis" e "rainhas" da nossa opereta radiophonica... Eu diria aos commerciantes que adoptassem o systema americano de adquirir, por determinado tempo, um dos grandes artistas do nosso radio e que toda a sua propaganda se cingisse á citação do nome desse artista ligado ao producto ou ao estabelecimento de que se deseja fazer propaganda. E outras cousas assim de execução facil. Mas são tantas as suggestões que o radio brasileiro comporta, que as duas paginas da secção d'O MALHO vão ser poucas... Assim, o melhor será que eu fique por aqui, hoje, embora promettendo dar-lhe brevemente outras impressões escriptas, como collaboração.

E com esta promessa significativa, Moacyr Fenelon encerrou as suas opiniões publicaveis a respeito do nosso "broadcasting".

RADIOLETES

Carmen Miranda e Gastão Formenti são os cantores que estabelecem maiores medias na vendagem de discos, entre nós.

—:—

— Os artistas contractados recentemente, como exclusivos, pelo "Radio Club do Brasil", o foram por seis mezes, no minimo.

—:—

— O editor Mangione vae offerecer um almoço aos seus auctores victoriosos no Carnaval de 1935, para o qual elle lançou "Implorar", "Eva querida", "Joia Falsa", "Deixa a lua socegada", "Muita gente tem falado de você", "Cidade Maravilhosa", etc.

—:—

— Um **speaker** de uma das estações desta capital, annunciando a proxima visita de Raul Roulien a Buenos Aires e Rio, á frente de um elenco de **music-hall**, affirmou que com elle viriam as mais lindas "jirls" da America do Norte. "Jirls", no minimo, deve ser "girls", cuja pronuncia, aliás, é **guerls...**

—:—

— O "Touring Club do Brasil" recusou contribuir, allegando falta de verba, com a quota de um conto de réis, solicitada pela Confederação Brasileira de Radio Diffusão, para a irradiação, em ondas curtas, das musicas carnavalescas premiadas no concurso da Prefeitura do Districto Federal. Essa irradiação, entretanto, foi feita para toda a America do Sul.

Radiomaniaco

om Revista

LAMARTINE BABO EM SÃO PAULO

Lamartine Babo passou quasi um mez em São Paulo e regressou ao Rio na vespera do Carnaval, no proprio sabbado gordo.

Só alguns dias depois, entretanto, passada a folia, é que tivemos occasião de avistal-o e de ouvil-o nos mais rasgados louvores á terra bandeirante.

Disse-nos que estava encantado e que o successo das suas composições fôra completo, salientando-se "Rasguei a minha fantasia" e "Gráu Dez".

E estendeu-nos um pouco da sua alegria, dizendo ao nosso redactor que a marcha deste, "Joia Falsa", obtivera identico logar ao das suas na preferencia do publico paulista...

A nota sensacional da excursão de Lamartine Babo a São Paulo é, porém, a seguinte: o humorista "mais fino" do Brasil voltou pesando mais dois kilos...

Não voltou mais gordo, segundo disse.

Mas voltou menos magro, o que já é um acontecimento...

BRÉQUES

— Acabo de deixar a "Radio Sociedade" — communica o Mario de Azevedo a um amigo, que indaga com o ar mais ingenuo deste mundo: — O que é que você era lá?

—:—

Ouvindo o Moacyr Fenelon, em palestra com um redactor do O MALHO, falar da necessidade de se crear escolas para os cantores de radio, o Dan Mallio Carneiro apoiou a idéa com enthusiasmo, dizendo: — Sim! Elles precisam de escolas! Principalmente de escolas primarias...

Eva e seu vassalo...

A marcha "Eva querida", cuja autoria é attribuida a Benedicto Lacerda e Luiz Vassalo, foi escripta, letra e musica, pelo primeiro, apenas, segundo se affirma nos meios de musica e radio.

O segundo, querendo homenagear uma Eva de sua predilecção, pagou 200$000 a Benedicto para figurar como auctor exclusivo.

O editor Mangione, porém, trapalhou a combinação, pondo os nomes de Benedicto Lacerda e Luiz Vassalo...

"A VOZ DO OUVINTE"

Loja de retalhos

..."E havia uma seita que desenterrava os maus defuntos e expunha os corpos ao vexame da contemplação das gentes".

A mocinha melindrosa deu um gritinho. Fechou o livro.

— Felizmente isso foi na Edade-Média.

—:—

Essa seita ainda existe. E aqui na cidade. Então as musicas de Carnaval não continuam a ser cantadas?

Fóra, revolvedores de tumulos.

—:—

Na pharmacia:

— "Seu" pharmaceutico, o que me aconselha para insomnia?

— Ouça radio.

I. G. R.

O "GENTLEMAN" DO RADIO

Houve quem extranhasse o titulo dado a Mario Reis de "gentleman" dos cantores de radio. Mas, para quem conhece o meio, a denominação reflecte um acerto psychologico irrefutavel. Implica em desaire para os demais, segundo se insinuou, mas representa um preito á verdade. Poucos são os nossos cantores de radio que podem ser tidos na conta de "gentleman", como Mario Reis, que tanto socialmente, como physicamente, como espiritualmente, pode arcar com as virtudes proprias dos cavalheiros. Cantor de sambas e marchas populares, elle conseguiu o milagre de não immergir nem emergir da sargeta, apesar do genero a que se dedicou como interprete. Bacharel em musica popular, elle tem sido creador de grandes successos. No ultimo Carnaval elle nos deu "Eva querida", "Rasguei a minha fantasia" e "Nosso Romance". Mario Reis é exclusivo, actualmente, da "Mayrink Veiga".

"CORAÇÃO INGRATO"

Erathostenes Frazão, jornalista e auctor da letra da marcha "Coração Ingrato", a que o jury municipal deu o 1.º premio no concurso official.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Existem mais de 3.600 estações diffusoras nos Estados Unidos, comprehendendo varias cadeias e organisações conjugadas. Entre nós, á excepção da "Rede Verde e Amarella", não existem cadeias radiophonicas.

—:—

— Uma nova organisação de compositores foi, recentemente, fundada na Europa, com o fito de desenvolvimento de relações artisticas e defesa dos direitos moraes e materiaes. Do conselho permanente da sociedade faz parte um delegado de cada paiz. A troca de trabalhos e os problemas da radio-diffusão serão assumptos importantes para a nova organisação, cujo primeiro presidente é M. Richard Strauss.

—:—

— A "Confederação Brasileira de Radio-diffusão" resolveu restabelecer a "Commissão de Censura" para as producções literarias e musicaes que tenham de ser utilisadas nas transmissões de suas filiadas. A presidencia da referida commissão foi entregue ao nosso confrade Soiré Vianna, della fazendo parte Alvaro Moreyra e Luis Peixoto.

Do editor ao autor

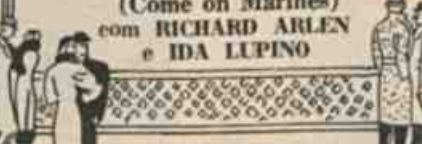
Snr. Oswaldo Santiago — Rio de Janeiro.

Prezado Amigo e Snr.

Realisando um desejo que de ha muito tencionava expressar-lhe, sirvo-me da presente para felicital-o calorosamente, não só pela classificação obtida pela s/ marcha "JOIA FALSA", bem como pelo successo popular alcançado pela mesma.

Sem outro motivo para esta e augurando-lhe egual exito em s/ futuras composições, aproveito o ensejo para apresentar-lhe os meus protestos de estima e distincta consideração, firmando-me,

de V. S.
Am.º Att.º e Obrd.º
E. S. Magione

Para inicio da temporada cinematographica
Os proximos successos da Paramount:
2 Filmes de Cecil B. De Mille
10 Super-producções
14 Producções especiaes
26 Filmes de programma
104 Jornaes Paramount
12 Desenhos de Betty Boop
12 Desenhos de Popeye, o Marinheiro
6 Desenhos coloridos
12 Shorts sportivos
12 Variedades
CLEOPATRA
(Cleopatra)
uma super-producção espectacular
de
CECIL B. DE MILLE
com
CLAUDETTE COLBERT
HENRY WILCOXON
e WARREN WILLIAM
Gary Cooper
Franchot Tone, Sir Guy Standing e Richard Cromwell
em
LANCEIROS DA INDIA
(Lives of a Bengal Lancer)
Um super-filme especial.
Elisa Landi
Cary Grant
e
Richard Bonelli
em
ENTREZ, MADAME!
(Enter Madame)
Um filme lyrico romantico.
CAPRICE ESPAGNOL
(Caprice Espagnal)
com
MARLENE
DIETRICH
sob a direcção de
Josef Von Sternberg
O LYRIO DOURADO
(The Gilded Lily)
Um filme ultra-romantico
com
CLAUDETTE COLBERT
e
FRED MAC MURRAY
RUMBA
(Rumba)
Um filme de baile e elegancia,
com
CAROLE LOMBARD
e
GEORGE RAFT
OS CAVALLEIROS DO REI
(Be Careful, Young Lady)
UMA OPERETA CELEBRE
com
Carl Brisson
Mary Ellis
AS CRUZADAS
(The Crusades)
Um super-filme de magnificencia insuperavel, dirigido por
CECIL B. DE MILLE
com
HENRY WILCOXON, IAN KEITH, etc.
A DANSA DAS VIRGENS
(Legong)
Um filme com interpretes naturaes da Ilha Bali no Pacifico.
SURPRESAS DE CUPIDO
(Ready for Love)
IDA LUPINO e
RICHARD ARLEN
GALGOS E NYMPHAS
(Come on Marines)
com RICHARD ARLEN
e IDA LUPINO
MEU MAIOR DESEJO
(Here is my Heart)
com BING CROSBY e KITTY CARLISLE
DIREITO A' FELICIDADE
(The Pursuit of Happiness)
com
FRANCIS LEDERER, JOAN BENNETT, CHARLIE RUGGLES e MARY BOLAND.
ESPOSA POR DESPEITO
(Behold My Wife)
com SYLVIA SIDNEY
e GENE RAYMOND
O MANDARIM DE LONDRES
(Limehouse Blues)
com GEORGE RAFT, JEAN PARKER
e ANNA MAY WONG
MOCIDADE e MUSICA
(College Rythm)
com
JACK OAKIE,
HELEN MACK
e
LANNY ROSS
UM SORRISO PARA TUDO
(Mrs. Wiggs of Cabbage Patch)
com W. C. FIELDS, EVELYN VENABLE e PAULINE LORD
Paramount Pictures

DE PERICLES A VENIZELOS

Do fundo luminoso dos seculos, Hellade — a antiga — levanta a cabeça coroada de louros, e escuta. Ouve o zumbido dos aviões, escurecendo o céo da Macedonia; ouve o deflagrar das granadas sobre as ruinas da Acrópole e vê, por cima do que foi o templo de Pallas Athenas, um fumo subtil, que mata os homens e ameaça 2.300 annos de tradição...

Crepitam as metralhadoras Maxim onde, outrora, os jovens hellenos discutiam as cousas subtis da Poesia e da Rhetorica. Carretas, pesadas, de canhões, esmagam as rosas tenras, cujas irmãs roçaram um dia a tunica de Péricles...

Tanks monstruosos, inimigos natos da Belleza e do Rythmo, rolam sobre as pedras que assistiram á chegada de Themistocles, depois da batalha de Salamina...

O Olympo — que os deuses habitaram — é uma posição estrategica, onde o supremo chefe é um sargento... Em vez de Jupiter, um canhão de 75 pollegadas...

O céo — que era azul, e docemente se reflectia nos olhos, divinos, das mais bellas mulheres da antiguidade — agora é uma floresta de sombras, por onde passam as asas metallicas da morte...

Pouco mais de vinte seculos bastaram para destruir o Parthenon, obra de Phidias e Calistrates. Pela segunda vez, Socrates bebe a cicuta... Thucidides, espirito puro, esconde a face para não ver as ruinas definitivas da Patria...

Das columnas dos templos, pendem velhas espingardas carunchosas. Um soldado de Tsaldaris acocora-se, á sombra do Parthenon, para comer a sua ração regulamentar...

Grecia, Mãe dos povos, em cujo seio se amammentou a Civilisação durante 40 seculos, onde estão os teus filhos? Onde está Demosthenes, cuja palavra — como uma rajada de fogo — aquecia o coração dos athenienses para a lucta e para a gloria? Onde está Aristoteles, mestre de Alexandre — o conquistador do mundo? Onde está Archimedes? E Aristarcho de Samos, e Apollonio de Rhodes, e Hiparcho de Nicéa, e Ptolomeu, de Alexandria, e tantos sabios, e poetas, e philosophos, e generaes e legisladores, que fizeram, de ti, a Mestra dos homens e dos seculos?

As vozes perdem-se, no tumulo silencioso da Historia. E a velha Hellade, triste como um desengano, mergulha de novo, no mysterio dos Tempos, a sua cabeça gloriosa, antes que as cinzas da Vulgaridade lhe manchem os louros viridentes e eternos...

BERILO NEVES

PINOCCHIO TEM 50 ANNOS

Fantasia de RENZO BIANCHI — (*Desenho de GUBI*)

TORNEI a vel-o, esta manhã, mesma, entre as mãos de meu sobrinho. Era o mesmo de todos os dias, abrupto, bizarro, vivo, voluvel como uma pirueta: rei das fabulas e mestre da realidade; filho do romanticismo e pae do grotesco.

Tornei a vel-o esta manhã mesma, estava remoçado, mais novo ainda. De repente, lembrei-me de um calculo arithmetico: 1883-1934.

Sabes, "Pinocchio", que completaste 50 annos?

Pareceu-me que ia contestar: — "Não sei o que significa a palavra "annos", mas eu sou a mais velha de todas as creanças e o mais moço de todos os homens...

E é verdade: é assim tal qual. "Pinocchio" sahe do crepusculo da imaginação de uma creança e põe-se a acompanhar, até á alva, a imaginação de um homem.

Quantos têm sido os leitores de "Pinocchio"? Um numero pasmoso! Basta pensar que o livro tem sido traduzido em quarenta linguas. E, comtudo, nem todos sabem de que modo viu a luz o celebre titere.

Eis aqui. Estamos em Roma, e corre o anno 1881. Epoca de jornalismo pobre, porém heroico e glorioso. Os maiores artistas e politicos de antes e de depois da guerra eram, então, os mais audazes mosqueteiros de todos os ideaes; e eram os homens que menos ganhavam e mais gastavam... (Mais tarde, reflectiram que, despendendo muito menos, podiam ganhar muito mais)... De sorte, pois, que nos achamos em Roma, e corre o anno 1881. Fernando Martini, que já havia sido acclamado principe da prosa italiana, e era deputado, fazia cinco annos, fundou e assumiu a chefia do "Giornale per i Bambini". Posto que Martini possuisse um gosto refinado como artista e tivesse bom olfato como plumitivo, cuidou logo de aproveitar a collaboração de Carlo Lorenzini, que assignava pura e simplesmente "Collodi", visto que nascera em Collodi, proximo de Florença e era conhecido tambem por suas historias infantis.

— Devias escrever para meu jornalzinho algumas historias maravilhosas, comtanto que fossem egualmente humanas... Mas... que diabo tens tu, que não respondes, e continuas olhando para aquelle tronco de arvore?

— Sabel-o-ás dentro de poucos dias.

E depois de alguns dias, apresentou o primeiro volume da "Historia de um boneco". E eis "Pinocchio", "Tio Ciliegia" e "Pae Gepetto" no proscenio do illimitado mundo infantil, provocando os primeiros applausos fragorosos.

"*Pinocchio*", *segundo Gubi, caricaturista italiano.*

Foi um successo formidavel! As creanças ficaram contentes com o seu heróe de pau, e o jornalzinho bateu o *record* de publicidade. Havia, entretanto, um fulano, o unico entre todos, que não percebeu que *Pinocchio* era uma obra-prima, e o tal fulano (incrivel, mas verdadeiro!) era o proprio Lorenzini. Pois "Collodi", attingido o 15.º caderno das suas interessantes peripecias (N.º 17 do "Giornale"), julgou que, como não se tratava de "uma coisa séria", podia muito bem transferir a continuação das façanhas de "Pinocchio"... para outra época a determinar-se (o que significava a eternidade). Fernando Martini ficou, assim, sem a continuação das fabulas e com um exercito de soldadinhos que reclamavam em altos brados a resurreição do seu querido heróe. Deve-se accrescentar que Fernando Martini, excellente psychologo, comprehendeu perfeitamente que "Pinocchio" era uma authentica obra-prima e que nas "veias" do boneco corria o sangue de uma primavera eterna...

Pinocchio está em seu meio centenario, e nada mudou, pois se conserva tal qual era na fonte de baptismo.

Para convencer o celebre habitante de Collodi de que o seu titere não merecia um insulto apopletico no capitulo XV, mas, sim, uma historia mais ampla e aprofundada, foram precisos tres mezes de intenso labor para Martini. O principe das letras transformou-se em Jupiter e dardejou raios e settas sobre a tragica ociosidade do creador de "Pinocchio". Até que, por fim, na edição de 9 de Fevereiro de 1882 do "Giornale per i Bambini", appareceu o seguinte aviso: "Meninos, uma bôa nova! Vocês se lembram do pobre fantoche que o Sr. Collodi deixou dependurado naquella arvore e que parecia estar morto? Pois bem, o mesmo Sr. Collodi nos participa que *Pinocchio* não morreu; ao contrario, está mais vivo do que nunca, e que lhe aconteceram coisas que parecem impossiveis. E' isso justamente o que elle pretende contar brevemente".

Martini, animado pelo exito inimaginavel que obtinham as suas narrativas no periodico, resolveu enfeixal-as num livro. Poucas obras no genero conquistaram tantas lôas. Alguem disse, referindo-se a "Pinocchio": "Elle não é sómente o mais interessante; é a mais verdadeira das personagens symbolicas".

Com effeito, o meu sobrinho está convencido de que o livro de "Pinocchio" foi escripto, poucas horas antes de elle o haver lido. O juizo que o meu sobrinho fez a respeito pode ser comparado ao de um critico de merito, porque nelle fala a innocencia.

"Pinocchio" não morre e torna-se, cada dia, mais notavel, ao passo que de seu creador só se recorda o pseudonymo, assim mesmo vagamente... Que o cincoentanario do boneco sirva ao menos para relembrar o... bonequeiro!

Carlo Lorenzini, escriptor toscano, creado á maneira dos bons toscanos, isto é sã e limpamente, tendo Dante no cerebro, Miguel Angelo nos olhos e Savonarola no coração, foi, desde cedo, attrahido pela paixão das Letras, e nem sequer o conteve o pensamento de que, naquelles tempos, quando se tomava da penna, era mistér empunhar a espada, tambem. Porque, na época, o diario politico ou satyrico tinha todos os attributos de uma trincheira.

Em 1848, aos vinte annos, tomou parte nas guerras da Independencia. Em seguida, dedicou-se com toda a alma á literatura infantil, creando "Giannettino" (Juanito), "Pinocchio" e muitos outros calungas. Apezar da gloria, Lorenzini manteve-se sempre modesto.

E' bastante lembrar que, em 1885, ao tempo em que Collodi havia alcançado os pincaros da notoriedade, convidaram-no para collaborar num diario illustrado para meninos. Suggeriram-lhe que escrevesse, por exemplo, as memorias de sua infancia e elle, com uma naturalidade, que aos escriptores modernos poderia parecer até ridicula, se recusou a fazel-o.

Lorenzini morria pouco depois, confessando que "ia viver outra historia bonita". Foi optimista até ao fim.

Meu sobrinho deixa, de repente de ler, e dá uma gostosa gargalhada.

— Titio, o Sr. sabe que "Pinocchio" nasceu com orelhas de burro?

— Naturalmente: não pegava num livro...

— Teu marido parece que descobriu tudo.
— Elle negou-te o cumprimento?
— Não. Negou-me vinte mil reis...

DISPARATES

Por YANTOK

O primeiro sujeito que quiz impingir o primeiro disparate ao proximo, já deve ha muito estar soffrendo as penas do inferno.

Não ha neste mundo quem não tenha certa vontadezinha de exaggerar com o fito de attrahir attenção para o que diz. Desse habito nasceram as *vascongadas*, as *americanatas*, os *contos de caçador*, que em cada paiz assumem appellidos differentes. Aqui no Brasil é *disparate*, em Portugal é *peta*, na Italia retumba em *smargiassata*, na França explode em *pétard* ou *blague*, mas o mais engraçado é que as attribuições obedecem a um jogo de empurra, porquanto o marselhez *sapeca* a culpa para o hespanhol, que por sua vez rebate o golpe com uma mentira de maior quilate.

Não iremos agora citar cousas velhas e sabidas que andam enchendo as vagas nos almanachs, mas apenas nos limitaremos a algumas importadas fresquinhas ou fabricadas aqui com rotulo estrangeiro.

— Sabes que na America do Norte estão construindo um arranha-céo tão alto que no ultimo andar cahe neve, emquanto no primeiro a gente se derrete de calor?

...casualmente bateu com o nariz na espoleta.

— Isso é nada — responde outro. Eu vi um arranha-céo onde os moradores do ultimo andar tinham que abaixar a cabeça para ver a lua!

Aqui vae outra:

Um italiano, um hespanhol e um marselhez estão a conversar.

Pergunta o hespanhol ao italiano:

— Que faria você se fosse o homem mais rico do mundo?

— Eu daria um enorme banquete e fartar-me-ia de macarrão.

— E você? — perguntou o marselhez ao hespanhol.

— Eu beberia os melhores vinhos do mundo.

— E você não responde? — perguntaram ambos ao marselhez, que, afinal, respondeu:

— Eu esperaria que vocês morressem de indigestão para herdar todas essas riquezas.

— Você não imagina o calor que faz no Senegal — dizia um explorador. Numa occasião abri a geladeira e encontrei o gelo incandescente.

Isto é para replicar áquelle outro explorador que no polo encontrou gelada a chamma da vela.

A respeito de velocidade de trens já é bastante decrepita a historia do passageiro que tendo brigado com o chefe de uma estação quando o term partia, deu uma bofetada que foi colher a cara do chefe da estação seguinte e, por conseguinte, não a contamos, mas podemos acreditar no que disse um passageiro do *Zeppelin*, ha pouco chegado ao Brasil.

Disse elle, que o *Zeppelin* passa com rapidez tal de uma nação para outra que se o passageiro faz uma pergunta em francez, respondem-lhe em portuguez e que em outra occasião, tendo-lhe cahido a caneta tinteiro na altura da Suissa, elle teve que mandal-a procurar nas Canarias.

O canhão construido por certo governo bellicoso, conforme relata um viajante, disparava um projectil que dava volta á Terra e entrava no canhão pela culatra, prompto para segundo tiro.

— Tenho um relogio ao qual nunca dou corda — dizia um sujeito.

— Mas assim não pode andar.

— Quem anda sou eu.

Falando de longevidade, escapa, ás vezes, cada *gambá*, de se lhe dar com pau, assim como esta amostra:

— Meu avô morreu com 105 annos.

— Meu pae morreu com 110.

— Da minha familia ainda não morreu ninguem.

Os chinezes com toda aquella pasmaceira e fatalismo que os caracteriza não escapam á regra do disparate que ás vezes transpõe a muralha chineza.

Dizia um delles que em certa provincia havia um governador tão gordo que quando ia tomar banho, o mar transbordava e causava inundações no paiz.

— Que desgraça! E não ha remedio para isso?

— Ha, sim. Dar meia volta na Terra para que o mar volte para o seu logar.

Em Resina (cidade na vertente do Vesuvio) havia um sujeito que, dormindo, roncava tanto, que as povoações fugiram pensando tratar-se de uma erupção do vulcão.

Quando se trata de descrever um fulano de feições exaggeradas, ahi os disparates são sem conta. Quasi sempre é o nariz que paga pelo resto.

— Tem o nariz tão comprido que é este sempre que apparece cinco minutos antes do dono.

De um homem demasiado alto, costumavam dizer que quando molha os pés num mez, só no outro é que fica constipado.

Um louco que escapou do hospicio subiu no alto duma torre e de lá não queria mais descer, apesar dos rogos do povo que receava vel-o despencar de lá de cima. Mas, dentre o povo surgiu um individuo armado de serrote e gritou para o louco:

— Ou você desce dahi ou serro a torre.

E o maluco desceu.

Contava certo caçador que ao atirar numa perdiz viu que faltava a espoleta. Por acaso bateu com o nariz no logar da espoleta e com a scentelha que se produziu poude dar o tiro.

Um naufrago contou que tendo passado diversos dias sem nada comer sobre uma balsa, teve tamanha fome que comeu um tubarão.

Em certo paiz havia um homem tão barrigudo que nunca chegava a ver os proprios pés.

Na Inglaterra o respeito ás leis é um caso sério e o que consta dos documentos deve ser cumprido. Constou uma occasião que certo mister Dower tinha morrido e extrahiram até sua certidão de obito. Mas o defunto appareceu bem vivinho e foi protestar, sem resultado.

— O documento diz que está morto e morto fica.

Mister Dower considerou-se morto e a um "cadaver" que lhe lembrava certa divida, elle foi logo dizendo: — Como é que posso pagar se já morri?

E não pagou, provando com documento que tinha morrido.

— Eu tambem sou "cadaver".

Um explorador contou que viu uma ponte tão alta, que as nuvens passavam por baixo dos arcos e um navio, cujo comprimento era tal que não precisava sahir de um porto para chegar a outro.

Inventaram agora uma caneta-tinteiro que escreve mesmo quando seu dono não tem idéa alguma.

A imaginação e a surpresa são casos sérios. Para quem a vê pela primeira vez, uma pulga chega ao tamanho do elephante.

O monstro de Loch-Ness, tão em fóco ha mezes, mudou de sexo e resignou-se a reduzir-se a phoca. As serpentes do mar quando muito podiam ser aquellas cobras e lagartos que alguns estrangeiros dizem da nossa terra.

— Era deste tamanho, podem acreditar.

— Garanto que nunca vi maior.

— Do tamanho dum bonde.

— Kolossal! — diz o allemão...

Termo de comparação é sempre o diabo, que coitado, nada tem com o peixe.

Quem conta um conto accrescenta um ponto, mas como são muitos os que contam a mesma cousa é de se suppor que os pontos sejam muitos.

...era deste tamanho, sem exaggero.

Emfim, estamos na época em que não se pode acreditar na photographia. O unico conto ao qual não se pode accrescentar ponto algum é o conto... de réis.

Condemnados á ELECTROCUÇÃO

Um ponto de concentração de cachorros vagabundos.

Um vira-lata que póde estar marchando para a camara electrica.

Cavando um osso numa lata de lixo.

MUITO cachorro tem entrado, senão para a historia, ao menos para a literatura, com grandes honras.

Não indo muito longe, pode-se citar um exemplo á mão: o "Fiel", de Guerra Junqueiro, typo do vira-lata que venceu todos os obstaculos da sua origem plebéa e que afinal conseguiu optima classificação como prototypo das virtudes caninas, por excellencia.

É verdade que, hoje em dia, os cães preferem entrar para o cinema, a entrar para a literatura: Rin-tin-tim é mais famoso do que o Fiel. Está certo: a gloria literaria é uma "pinoia", até mesmo para os cães.

Agora, a Prefeitura do Districto Federal começa a distinguir os cães com honras que elles despresam com toda a certeza. Vae dar-lhes um cemiterio proprio. Elles não seguirão nas carroças de lixo, para aquella podridão cercada de aguas por todos os lados mais conhecida pelo nome de Sapucaia. Naturalmente, os cães trocariam as honras posthumas que se lhes preparam, por um osso. Mas, em certos assumptos os cachorros não possuem a menor parcella de senso commum. A Prefeitura tambem inventou para os cães, recentemente, uma especie de morte tão confortavel como moderna: a electrocução — a morte technica mais aperfeiçoada que existe no mundo. Democratica como é, a administração municipal poz esse invento ao alcance de qualquer cachorro. Para ser electrocutado, não é necessario assassinar barbaramente uma creança raptada, nem commetter qualquer outro delicto semelhante: basta ser cão e vagabundo.

O vira-lata está sempre á sombra da camara-electrica. Elle é apanhado na rua, pela carrocinha e levado para a prisão de cães. Se alguem se interessa pela sua vida, póde pagar uma multa pelo seu indulto e elle retorna ás ruas da Cidade Maravilhosa.

Mas, geralmente, não ha quem se interesse por um vira-lata. E elle segue, com aquella heroica indifferença que os homens não sabem ter, para a morte rapida e sem dôr da electrocução.

Certamente, os cachorros mesmo os mais leprosos e miseraveis prefeririam continuar apanhando pancada e roendo osso, nessa infame vida de cão sem dono.

Mas qualquer mulher bonita retrucaria que é muito melhor morrer do choque da electrocução do que da bala de chumbo de um namorado ciumento.

Cadaver de uma cadella ainda na camara electrica.

Condemnados á morte, esperando, com a maior indifferença, o momento da electrocução.

Indifferentes á pena de morte, elles gosam a liberdade, despreoccupados.

Antes do corso...

As graciosas meninas Maria Magdalena e Rosa Maria, filhinhas do casal Herbert Moses, fantasiadas de bailarinas, e promptas para o corso do Carnaval deste anno.

João Francisco Assumpção de Carvalho, o intelligente "Nequinho", alegria constante do lar feliz do escriptor e jornalista Albertus de Carvalho e de D. Jesuina Peixoto de Carvalho.

Mlle. Léa Barata, filha do industrial Sr. Joaquim Neves Barata, em phantasia de cigana. Foi um dos melhores exitos do Carnaval em São Lourenço.

Os que ficam atraz do balcão

DE

SEBASTIÃO FERNANDES

CERTO poeta argentino, com bôa dóse de ironia, dedicou seu livro de versos aos empregados no commercio.

E não só tem uma gra nde porção de satyra como tambem de verdade. Nunca repararam ao passar na rua, atraz dum mostruario aquellas figuras que esperam a cada momento um freguez para com o sorriso mais theatral do mundo, vender alguma mercadoria?

Reparem naquelles rostos pallidos e olhos tristes quanta melancolia de poeta ali se esboça. Physionomia de quem muito sonha...

Quanta illusão! Quanta fantasia recalcada!...

Na noite passada ella foi ao cinema commigo. E olhou para um rapaz de cabellos negros que estava na outra fila... Agora reparo... Olhou muito. E o castello que eu idealizara... Ella parecia tão amorosa... Como podem mentir aquelles lindos olhos...

Entra um freguez, e na mascara do sonhador apunhalada pelo ciume apagam-se, têm de desapparecer todos os rictus de tristeza, e a bocca machinalmente tem de esboçar um sorriso para agradar a quem compra. Mesmo que na bocca esteja guardada alguma phrase para mostrar á amada toda a desdita que ella produzira, apagar-se-á ante as phrases banaes de quem tem que encantar o comprador.

O freguez se foi...

Volta o poeta...

Agora não é a amada...

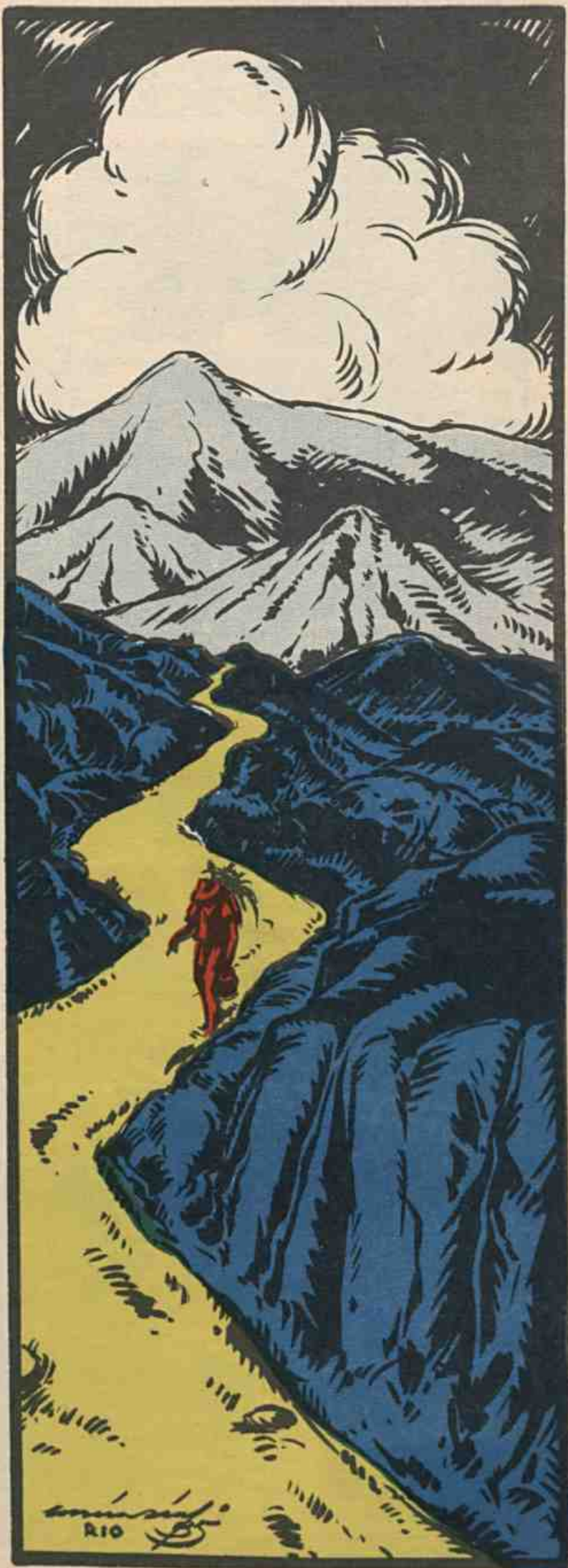
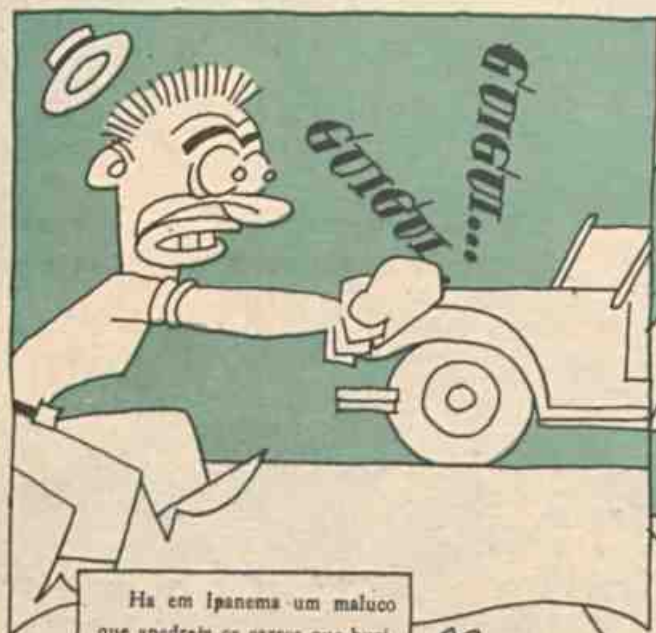
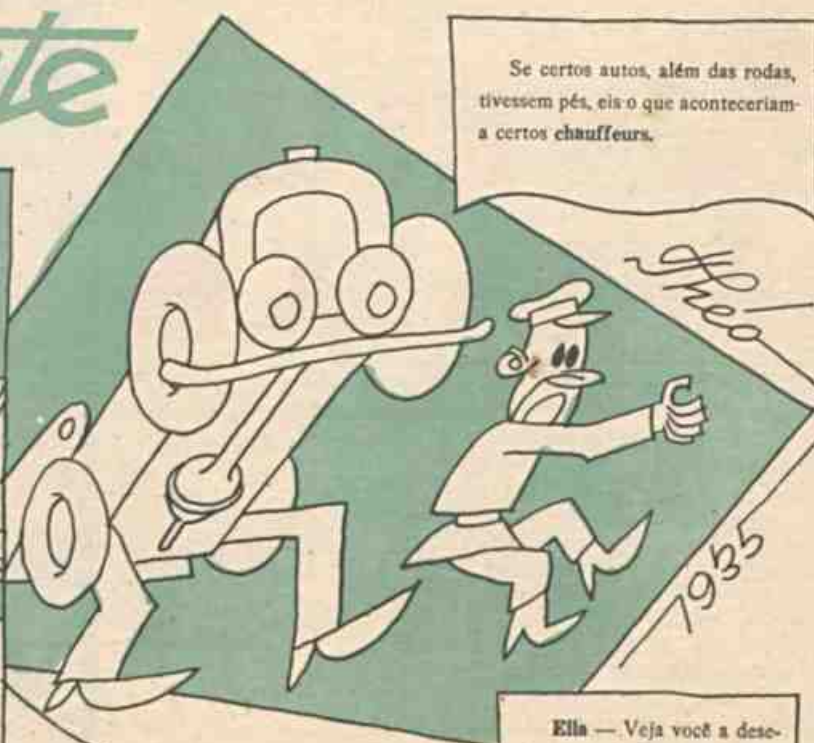
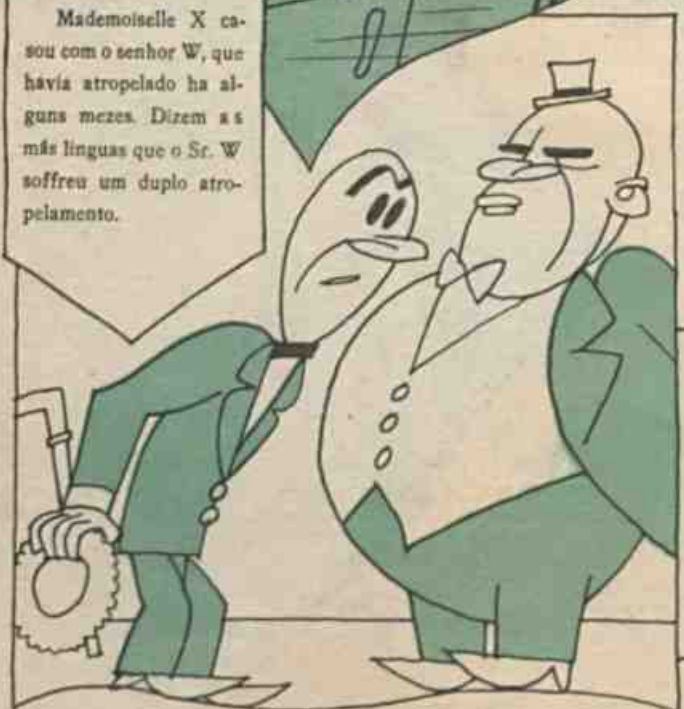
Sonha um plano mais vasto. E' a utopia de quem deseja estar lá dentro, no escriptorio, tomando conta da vida da loja — dono da casa!

Sim, se elle fosse o dono da casa, teria muito dinheiro e não lhe faltariam mulheres que o desejassem... Elle possuiria muitas... Todas ao ver o seu dinheiro lhe falariam de amor... Nunca olharia para o outro homem mettendo-lhe inveja. Gostaria só delle... Elle o patrão!

Observem que todos elles, atraz do balcão, mesmo que o sonho seja para uma mulher ou para o dinheiro, sempre sonham e sempre são poetas...

E não sei porque, depois de velhos, depois de ricos, detestam tanto os poetas — elles que tambem sonharam muito...

A VELHA ESTRADA

Eu sou uma estrada que vem do passado, que vem de longe,
Carregando todas as arvores nas costas.
Quando nasci era apenas uma picada humilde
No êrmo da mata-virgem brasileira.
Trago ainda na emoção dos meus ouvidos
O éco do baque dos paus-d'arco e dos jequitibás.
Tudo rolou perto de mim numa dansa de folhas...
Ninhos estraçalhados. E as labaredas
Lambendo, tronco a tronco, as arvores gigantes.
Hoje o sol me acompanha na jornada,
Através de campinas e campinas,
Vadiando rios, contornando serras.
A paizagem é clara, illuminada e colorida.
O horizonte me chama para ele.
Eu sou para o horizonte um gesto que se perde...
E vou levando no cheiro de terra do meu corpo
A frescura das arvores das montanhas,
O gosto de agua das madrugadas de inverno,
O sabor de todos os frutos brasileiros,
Os gritos do "João-de-barro" que me acorda de manhanzinha,
O tropel das potrancas que passam na noite sem lua
Seguindo as pegádas do macho selvagem que entrou nas caatingas...
E os passos cansados dos pobres que vão em caminho da feira,
Levando nos hombros esteiras de palha de carnaúba
Para colher na feira uma simples migalha...
E o gemido monotono e triste que me fere a alma
Dos carros-de-bois carregados de canas, no pateo do Engenho.
O rio que corre a meu lado, me empresta a doçura
Das cousas humildes e bôas; e levo commigo a cantiga
Dos canoeiros que passam, tostados de sol,
Apunhalando a agua tranquila com as grandes varas.
Eu sou uma estrada que vem do passado, que vem de longe...
Uns sons de sanfona na noite parada e profunda
Despertam-me a velha saudade dos pretos
Que nas senzalas, em farrapos, mergulhavam
Humilhação, opprobio, humildade, renuncia,
Ao som prolongado, monotono e triste das sanfonas.
E vejo-os depois, arrastando no pó do meu peito escaldado
Correntes e algemas, pedaços de tronco pingando sangue.
Aos bandos, lá iam, bebendo distancias, devorando leguas...
Aquele mais forte, columna de bronze, sorria, se acaso,
A mão do feitor empunhava o chicote de sete pernas ..
E lhe açoitava o corpo de ébano polido.
Este outro, mais fraco, chorava baixinho, bebendo, de manso,
Nas mãos escarnadas as lagrimas puras que os olhos lhe davam.
E a marcha dos pretos, cansada, batida, humilhada,
Ainda me ecôa no fundo do peito, no fundo mais fundo.
Eu sou uma estrada que vem do passado, que vem de longe...

No volante

— Soube que o commendador foi atropelado!

— Machucou-se?

— Não. Houve apenas um pequeno prejuizo. Machuquei o paralamas do carro e tive que pagar o concerto na officina...

O barbeiro Gomes resolveu bancar o **chauffeur** no carro de praça n.° 2012 e, baralhando as profissões, anda atropelando a torto e a direito.

O Gomes quer fazer a barba á Inspectoria do Trafego.

O sentimento religioso de Recife no seculo XVII

Por TERRA DE SENNA

RECIFE, naquella época, rejubilava-se com as grandes iniciativas levadas a effeito por Mauricio de Nassau para o saneamento e embellezamento da cidade.

Com pouco mais de trinta annos, Mauricio trazia para o Brasil uma bagagem respeitavel de projectos allucinantes. E ao pisar o sólo brasileiro, que constituia para a Hollanda um simples territorio a explorar, Mauricio, que se fazia acompanhar de geographos, naturalistas, literattos, pintores e architectos, sentiu logo a largueza do horizonte que se lhe apresentava ao espirito emprehendedor, ao qual a sua situação de coronel de um regimento em Haya, não lhe permittira até então maiores vôos.

E a urbanisação de Recife passou, a preoccupar o principe batavo. Do plano de reforma da cidade foi encarregado o architecto Pieter Post, que abriu desde logo varios canaes, facilitando o curso do Capiberite, construiu palacios, jardins e pomares, mais tarde destruidos pelos proprios hollandezes, por occasião da defesa do seu dominio contra o assedio dos nativos e portuguezes. Animados com o surto progressivo da cidade, os pernambucanos realizavam, então, sob qualquer pretexto, as mais lindas festas da epoca, entre as quaes avultavam as de caracter religioso, de que já falava Anchieta, nos seus "Dialogos das Grandezas do Brasil"

E tanto isso era verdade que havia mais igrejas que engenhos, segundo o testemunho de Domingos de Loreto Couto, no livro "Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco". Assim é que, em Olinda, havia 11 engenhos e 16 templos; em S. Lourenço, 20 engenhos e 16 templos; em Santo Antão, 12 engenhos e 15 templos; em Nossa Senhora do O', 20 engenhos e 26 templos; em Santo Amaro do Jaboatão, 18 engenhos e 20 igrejas e em Muribeca, 18 engenhos e 25 igrejas.

Nada mais natural, portanto, que culminassem as festas religiosas cheias de um pittoresco inexcedivel. Nas cidades, como nos campos, as cantorias populares enchiam esses templos principalmente nos dias de Natal e Anno Bom. Dansava-se e cantava-se com enthusiasmo. Mas não a musica e o cantico determinados pelos padres da Companhia de Jesus.

Tocavam-se nos templos musicas tidas naquelle tempo como profanas: a valsa, a quadrilha e a cachucha. E no terreiro das igrejas, os "arrasta-pés" do populacho levantavam nuvens de poeira.

Nessas festas predominava entretanto, ao elemento africano, ao qual se juntavam os nossos typos ethnicos, negros e frades esmoleiros, soldados, irmãos das almas e sinhazinhas, todos numa admiravel promiscuidade de sentimentos.

Davam-se as mãos e pulavam, em circulo, ao som de instrumentos extranhos, arranjados ali mesmo com depaços de bambú e chocalhos de cascas de cocos. Por fim, taes festejos degeneravam em conflictos, mais ou menos graves, em que a faca e o páu espalhavam o terror pelas redondezas, e que se estendiam, por dias adeantes em repetidas vindictas. Mas emquanto os conflictos não os interrompiam, os dansarinos entoavam as canções ensurdecedoras, sem alma e sem sentido, que pareciam mais recordar a vida dos quilombos africanos:

**"Mameto do
Congo,
quero brincá
cheguei agora
de Portugá."**

Igreja Madre de Deus, em Recife

O principe Mauricio de Nassau

Ou então:

**Do Congo
Do Congo —
Venho cantá.**

E esse elemento negro, comquanto não tivesse, a rigor, uma formação catholica, deixava-se levar pela influencia jesuitica e por vezes enchia os ares coloniaes de Pernambuco do seculo XVII com os seus motivos religiosos:

**"Virgem do Rosario
Senhora do Norte
dá-me um côco d'agua
senão eu vou ao pote."**

**Inderé, ré, ré
A! Jesus de Nazareth**

Essa cantiga, originaria de Sergipe, segundo a opinião de Sylvio Roméro, teve, entretanto, mais curso em Pernambuco, attingindo, mais tarde a perfeição relativa do "Bumba-meu boi", que ainda hoje se pratica no suburbio de Arruda, nos arredores de Recife.

O "Bumba-meu boi", representação bizarra, com personagens mais ou menos burlescas é pois uma reminiscencia das festividades religiosas do Pernambuco de Mauricio de Nassau, o unico hollandez que pagou, afinal, o mal que não fez, por que elle, quiz, na verdade, um grande bem á nossa terra.

Um trecho de Recife em 1643

EXPERIENCIA da VIDA

AUGUSTO de LIMA JOR.

A casa era situada junto á ponte do Rosario, no começo da rua das Cabeças.

Do lado da rua era acachapada, com os beiraes salientes, janellas largas de vidraças em guilhotina, tudo estylo antigo, seculo XVIII; porta ampla com ferragens grossas, á qual dava accesso um patamar servido por tres degráus.

No flanco que deitava para a ponte, era alta e se assentava em muralhas que formavam em baixo da casa uma serie de salões escuros que eu acreditava serem habitados por almas do outro mundo.

O jardim, entre a casa e o ribeiro do Ramos que corria sob a magnifica ponte colonial em arco de pedra era encantador.

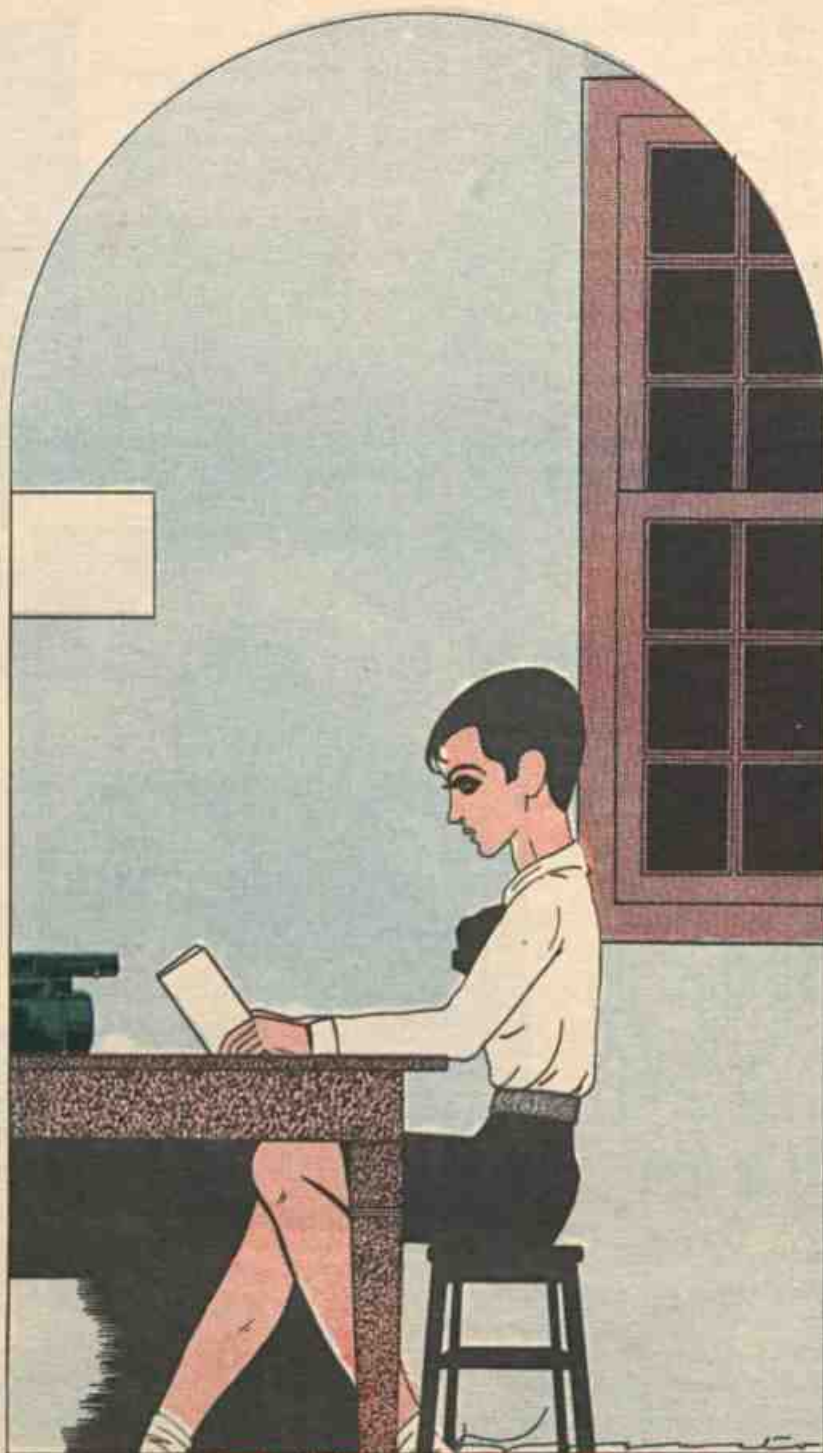
Estou a revel-o de memoria com suas camelias florescendo viçosas, gardenias, virginalmente brancas de que muitas foram ornar a casa dos noivos Afranio Mello Franco e Silvia no dia de seus esponsaes e entre outras rosas de estirpe, uma "Principe Negro" bellissima, muito recommendada, orgulho dos donos do jardim e na qual atrevi-me um dia a ensaiar uma póda, com grave risco da região glutea do incipiente agronomo.

O quintal era immenso, um mundo de largueza, com arvores, canteiros de hortaliças, um cannavial, um capinzal...

Em meio delle, o filete d'agua de rega que movia meus moinhos de tálo de abobora, cousas essas todas que me pareciam tão grandes e que, entretanto, meus olhos envelhecidos e cansados mais tarde encontrariam um simples quintalejo.

Era o meu mundo e se me tivessem proposto trocar toda a extensão da terra que eu palmilhei depois, por aquelles metros de chão de meu dominio de outrora, eu teria acceitado de bom grado.

Para quê mais, se aquelle pouco que me parecia muito, bastava para minha felicidade? Jaboticabeiras frondosas, cujas grimpas galguei orgulhoso e satisfeito, sem humilhações, sem sobresaltos, sem sacrificios de dignidade!

Territorio que dominei soberano em companhia do "Sieg-Fried", nome pretencioso de um cachorro que me não deixava dia e noite; com o "Lili" outro felpudinho que eu fizera desertar da casa dos donos legitimos, graças a habil seducção; do "Capanga", cãosinho creoulo, cachorrinho de rancho de beira de estrada, pequeno, cabeçudo, rabo comprido, uma mistura de todas as raças de cães paulistas e emboabas, confraternizados, e que hoje se denominaria de "Vira-Lata".

Eramos donos d'aquillo tudo e só tinhamos um freio: as meigas advertencias de minha velha ama, a Abá sempre occupada a revolver a terra dos canteiros, a plantal-os, para que uns pésinhos ageis e doze patinhas desastradas, deixassem frequentemente seus rastos destruidores.

Ella concertava tudo sem se zangar e por isso a gente ás vezes dava a volta nos arruamentos para evitar contrarial-a.

A paciencia era só commigo. Em relação ás doze patinhas que deixavam rastos nos canteiros, estou convencido de que se ellas fossem consultadas, opinariam pela destruição de uns marmelleiros existentes, fornecedores de materia prima para arcos, applicados sobre couro de cachorro, conseguem tirar delle sons de violino em agudos.

Suas correrias eram interrompidas pela aula materna. Nesse ponto lembro-me nitidamente do horario que annunciava:

"Á's segundas, quartas e sabbados: Grammatica; terças e sextas: Arithmetica. Cathecismo, segundas e quartas. leitura e contas, diariamente."

Esse horario escripto por minha Mãe num pedaço de papelão estava pendurado na parede onde se encostava a mesa que me fôra destinada para estudo.

(Eu não disse "mesa de estudo", e sim destinada ao estudo). A seducção terrivel era a largueza do quintal.

Quando chegava a hora da aula materna, algum tempo depois do almoço, a relutancia era tal que só attendia ao ultimo toque: a ameaça de ser trazido "debaixo de vara", linguagem que póde ser forense mas que, nesse tempo eu tinha como certo que se relacionava com os pés de marmello do quintal, opinião esposada tambem pelos cachorrinhos.

Normalmente começava a aula. Sentava-me á mesa em cuja cabeceira, minha Mãe, jovem e bella, fazia caras terriveis para metter-me medo e obrigar-me a estudar. Quando o "poder moderador", o Pae (que saudade!) estava em casa, eu experimentava abusar com a professora que se via embaraçada com minhas peraltices. Havia um "cortadinho" paterno que perturbava seriamente essa escola primaria. Quando o Pae, que era juiz, tinha que sahir de casa a dar sua audiencia, a aula rendia.

Foi graças a essa dedicação materna que temperava o rigor necessario com um devotamento admiravel e uma ternura sem egual que eu aprendi a ler, escrever e contar e entrar para o Gymnasio.

Durante as aulas, os tres cãesisinhos postavam-se a meus pés, quietos, succumbidos de tristeza, verificando estar eu tolhido em minha liberdade.

De vez em quando, porém, minha mão por baixo da mesa coçava, ao acaso, carinhosamente, a cabeça de um; os outros dois, enciumados, levantavam-se nas patas trazeiras, pondo as deanteiras sobre meus joelhos chamando, tambem, attenções.

Essas attitudes caninas davam-se, ás vezes, em momentos em que eu me via em apuros para resolver uma difficuldade arithmetica: — Sete vezes nove? — perguntava minha Mãe, empunhando a odiosa taboada de Antonio Maria Barlher.

Em geral, por mais que eu coçasse a cabeça dos cachorros com ambas as mãos, a memoria não me ajudava e dahi a impressão materna de que a culpa era dos cachorrinhos que me distrahiam a attenção.

A professora indignava-se com elles e expulsava-os da sala, com um cinto de couro bem tangido. Dahi a pouco, porém, voltavam, um a um, esgueirando-se meio desconfiados. Com o tempo, os cãesinhos perceberam que havia uma intima connexão entre a taboada, minha caricia em suas cabeças e a corrida com o cinto de couro.

Principiavam os numeros a ser citados, e elles se punham de alcatéa. Quando minha Mãe levantava a voz e começava a perguntar sem obter resposta: — Nove vezes nove? — a cachorrada sabia das consequencias do silencio de seu amigo e punha-se ao fresco.

Desde essa epoca fiquei convencido de que os cães detestam a mathematica. Só mais tarde é que verifiquei que os homens tambem abandonam os amigos na hora do perigo...

As tres Theresas DA HESPANHA

Santa Therezinha do Menino Jesus, no Convento do Carmelo (Lisieux, França), onde Ella tomou o véo.

DIZ-NOS Azorin que, para conhecer Santa Thereza de Jesus, se deve, antes do mais, ler as maravilhas que Ella nos deixou. Em seguida, deve-se dar um passeio prolongado ás terras de Castella, visitando os logares por onde Ella andou. Um, principalmente, é citado pelo chronista hispanico como o sitio mais em harmonia com o espirito da Santa: Avila.

Paizagens severas, austeras, mysticas, e horizontes limpidos, claros e definidos.

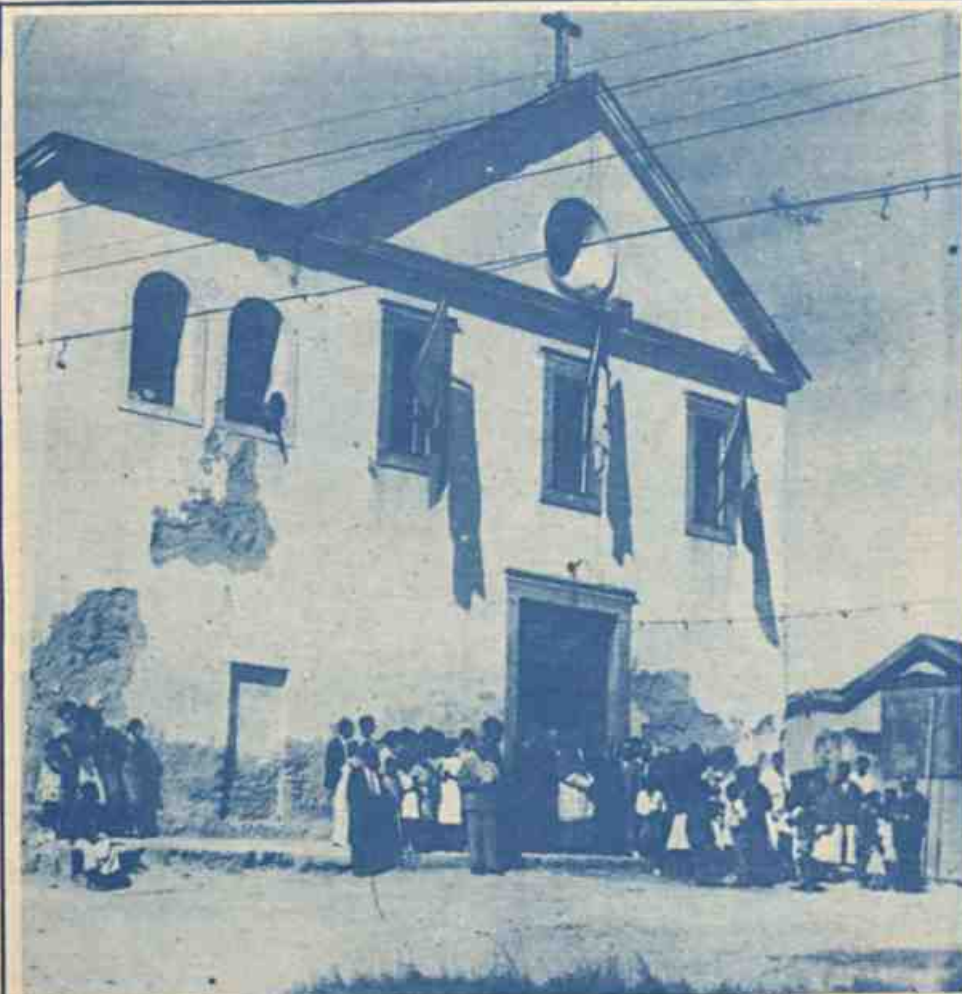
Mas, ao panorama falta — accrescenta o periodista — a visão das casas e das cousas. Entremos numa dessas casotas em que parava Santa Thereza quando ia em peregrinação piedosa, semeando consolações e esmolas. Tudo ali é branco e simples. Nada de superfluo, nenhum luxo. O unico luxo é a simplicidade. As viellas afastam-se, sinuosas. Os mantimentos são sobrios e nutrientes. Os habitantes vestem roupas negras. E já se vae completando o retrato de Santa Thereza. Temos, como caracteristica, a placidez na energia. Porque tudo o que eu vi — continúa Azorin — si é calmo, grato, doce, possue uma indomita energia. E' energico, é accentuado, todo o perfil da paizagem, das cidades e das coisas. Accentuado sob um céo limpidissimo como o cristal luzente, como a porcelana scintillante. Não se entrevê ahi Santa Thereza de Jesus?

E é assim que vemos — prosegue o jornalista — a Santinha de Lisieux? Vel-a-ão, naturalmente, seus compatricios. Os estrangeiros declaram que vêem Santa Thereza de Jesus tal qual nós a vemos em Hespanha. Mas, não póde ser. Elles nunca chegarão á compenetração intima fervorosa, commovente, emocionada com um muro branco de Castella e com a paizagem e com o céo de Hespanha. Existe um cristal invisivel que nos separa da essencia de um paiz onde nascemos. O cristal é toda a claridade e a limpidez que se deseja.

Santa Thereza de Jesus, segundo o quadro de Frei Juan de la Miseria

Para comprehender a Santa Thereza de Avila tem-se que viajar horas e horas num carro da roça. Ha muitas leguas a andar, para se attingir ao povoado aonde nos dirigimos. O caminho é infinito. E' preciso comer-se alguma coisa do que levamos embrulhado. Ao longe, surge a torre de uma egreja, e vê-se-a uma, duas, tres horas. Pelo caminho, a Santa conversaria, meditaria longamente, rezaria tambem. Ao descer do carro, encontraria a esperal-a não só as privações, as angustias materiaes da vida, a penuria, a falta de recursos para a fundação do convento que imaginava, mas, tambem, as perseguições dos invejosos, dos despeitados e dos calumniadores.

Santa Thereza de Avila era de indole pacifica e conciliadora, ao mesmo tempo que energica. E assim não fôra, nunca realizaria o seu ideal de apostola de Jesus: sacrificar-se pela Humanidade em beneficio do Altissimo.

Ahi têm Santa Thereza de Jesus e Santa Thereza de Avila. Ha ainda outra Thereza. Não é Santa. E' por emquanto "Veneravel". Della faz menção um documento existente na Cathedral de Saragoça. Nasceu, em 1622, em Sanlúcar de Barrameda. Edificou a todos por sua santidade precoce. Ordenou-se em La Merced, quando tinha unicamente vinte e seis mezes de edade. E' um facto virgem na Agiologia.

Egreja de S. Lourenço, construida no morro de onde nasceu a capital fluminense.

TERRA DE ARARIGBOIA

NICTHEROY nasceu de um aldeiamento de indios, que habitavam as cercanias da bahia de Guanabara e dos quaes era chefe Ararigboia, que tão bons serviços prestou a Mem de Sá na campanha contra os francezes.

A tribu do valoroso indigena foi installada no morro em que se fundou a Capitania, a aldeia de S. Lourenço, a Villa Real da Praia Grande e, por ultimo, Nictheroy. O desenvolvimento da cidade fez-se paulatinamente, aliás, acompanhando o rythmo de quasi todas as cidades brasileiras. Até o começo do seculo passado possuia a capella erguida em invocação à N. S. da Conceição, fundada em 1671 e casas que se espalhavam aqui e alí, principalmente pelo littoral. Obtem grande progresso de 1815 em deante, quando o principe regente foi passar em revista a divisão portugueza que partia para Montevidéo.

Desenvolve-se. Melhora. Destaca-se. Em 1819, por alvará de 1.° de Maio, é elevada á Villa Real da Praia Grande, titulo que manteve até 26 de Março de 1835, quando uma lei elevou-a à capital da provincia conferindo-se-lhe o titulo de Nictheroy a 28 de Março de 1836, e de Imperial em 22 de Agosto de 1841.

A velha matriz de S. Lourenço, construida pelos primeiros habitantes em 1573 e cuja primeira missa foi rezada em 1.° de Agosto de 1576, veiu sendo uma tradição da cidade, nella tendo sido guardados os restos mortaes do valente Ararigboia.

Nictheroy possue outros edificios historicos, dignos de veneração e de cuidados por parte da administração, como a velha capella de S. Francisco Xavier, no Sacco de S. Francisco, onde Anchieta rezou por algum tempo.

A heroica cidade destaca-se ainda pelas suas inenarraveis bellezas naturaes e seu clima, não sendo demais citar-lhe dois feitos notaveis: a defesa heroica que lhe fez o General Fonseca Ramos com um pugilo de bravos e o ataque da Armação, em Fevereiro de 94, de que nos restam sobreviventes. Lei benemerita e patriotica tornou a egreja de São Lourenço, que fôra abandonada desde 1897, quando o culto passou a ser feito na egreja nova do mesmo santo, à rua de Sant'Anna, em "monumento historico" e incorporada ao Patrimonio Municipal.

Commemorando agora o 361.° anniversario de fundação, não faltaram homenagens à cidade nascida no local de uma taba de indios, em S. Lourenço, e que é uma das mais bellas e prosperas do Brasil.

Praça Martim Affonso, a sala de visitas de Nictheroy

O primeiro centenario da elevação de Nictheroy á cathegoria de capital commemora-se este mez, no dia 26. E' um acontecimento importante que o governo da vizinha cidade resolveu commemorar de modo excepcional, organizando uma grande Feira de Amostras, destinada a grande successo.

Outro trecho da capital fluminense, visto do mar.

O Centenario de NICTHEROY

UM POUCO DE HISTORIA

A prospera capital do vizinho Estado, que actualmente conta cerca de 150.000 habitantes, chamava-se, até ao seculo transacto, Villal Real da Praia Grande. Foi elevada á categoria de capital pela lei n' 2, promulgada, a 26 de Março de 1835, pela Assembléa Legislativa. Governava a Provincia, então, o Dr. Joaquim Rodrigues Torres (Visconde de Itaborahy), seu primeiro Presidente (1834-1835)

OS PRESIDENTES DO ESTADO DO RIO

Sob a Monarchia, a florescente provincia teve muitos presidentes, cujos nomes seria fastidioso enunciar. Os quatro primeiros foram: o Visconde de Itaborahy, nomeado pelo Imperador a 20 de Agosto de 1834; o Conselheiro Paulino José Soares de Souza (Visconde do Uruguay), de 1836 a 1840; o Conselheiro Manoel José de Souza Franca, de 1840 a 1841; e o Dr. Hermeto Carneiro Leão (Marquez do Paraná). O ultimo Presidente immortal Carlos Affonso Assis de Ouro Preto, deixou o governo em 1899, á proclamação do regimen democratico.

RIO A NICTHEROY

Com a ligação do Rio a Nictheroy, por meio de barcas, as duas cidades passaram a ter muitos interesses communs e uma vida quasi identica. Essa ligação se deu quasi ao mesmo tempo que a elevação de Nictheroy a capital, conforme se vae ver:

Em Abril de 1834, era concedido á Sociedade Navegação de Nictheroy o privilegio para organizar o serviço de barcas a vapor entre aquella e esta capital. A concessão abrangia um decennio. As primeiras barcas adquiridas pela Companhia foram a "Praia Grande", a "Especuladora" e a Nictheroyense". Ellas começaram a funccionar na Guanabara em Outubro de 1835. Cobravam-se as passagens a 100 reis. Em 1851, veiu mais uma barca, a "Nictheroy". O systema Ferry foi apresentado, em 1855, por Cliton san Tuyl. A Cia. Barcas Fluminense funccionou de 1870 a 1877, e seu 1' director foi o Dr. Carlos Fleiuss, que conta descendentes nesta cidade: o Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e figura primacial em nossa alta sociedade.

A Cia. Ferry, fundindo-se, em 1889, com a Empresa de Obras Publicas no Brasil, formou a actual Cia. Cantareira e Viação Fluminense.

Até Dezembro de 1925, o preço das passagens era de 600 reis (ida e volta).

O povo nunca se conformou com o augmento das passagens, e varias vezes fez valer a sua força, incendiando ou depredando as embarcações. Em 1925, a "Nictheroy", a "Setima" e a "Gragoatá" soffreram bastante com as iras da população.

Vista panoramica de Nictheroy, vendo-se em destaque a estação das barcas da Cantareira.

DE CINEMA

Por MARIO NUNES

KETTI GALLIAN.

JOSÉ MOJICA.

CONCHITA MONTENEGRO

GLORIA SWANSON

A FOX NÃO PROMETTE -- REALISA

Arthur ae Castro, chefe de publicidade da Fox, recebeu-nos com sua proverbial gentileza. Queriamos que nos falasse da producção deste anno da victoriosa marca que detem no seu estellario nosso patricio querido Raul Roulien, fazendo-o ascender sempre.

— Como vem acontecendo ha vinte annos, a producção da Fox melhora sempre e innova sempre. E como prova do que affirmo, por paradoxal que pareça, começo por lhe falar de um film... da guerra! Que? Um film de guerra, cousa que ninguem mais supporta? Sim, mas um film de guerra que levará ao cinema multidões! Intitula-se *A primeira guerra mundial*. Que é que o torna sensacional? Isto apenas: é constituido inteiramente de films officiaes, até então prohibido pelos governos belligerantes. Relata todos horrores da grande guerra, e com vistas ineditas dos chefes litigantes em épocas posteriores ao grande cataclysmo que ensanguentou o mundo de 1914 a 1918.

— Continuam a fulgir no nosso firmamento John Boles, Loretta Young, Janet Gaynor, Warner Baxter, Pat Petersen, Nils Asther, Alice Faye, Lionel Barrymore, Mona Barree, Raul Roulien, Spencer Tracy, Will Rogers, Madeleine Carroll, Franchot Tone, Reginald Denny, Gilbert Roland, e muitos outros. Apresentaremos uma esplendida novidade, a linda Ketty Gallian que estrêa em "Marie Galante" tendo Spencer Tracy como galã e annexámos ao nosso *cast* a artista extraordinaria que é Gloria Swanson!

Pedimos que nos fizesse uma rapida resenha dos principaes films. Arthur de Castro, *american-man*, sentou-se deante da machina de escrever e sem hesitar e de cór foi alinhando estes titulos e estes nomes:

A MARCHA DOS SECULOS — Film de proporções monumentaes: Madeleine Carroll, Franchot Tone, Roulien, Reginald Denny. Direcção de John Ford.

OLHOS ENCANTADORES — Shirley Temple, James Dunn, Judith. Allen. Direcção de David Butler.

MUSICA NO AR — Gloria Swanson, John Boles, Douglas Montgomery. Direcção de Joe May. Producção de Eric Pommer.

SERENATA DO AMOR — Um episodio amoroso da vida de Schubert, com Pat'Paterson e Nils Asther. Direcção de John Stone.

LEGIÃO DAS ABNEGADAS — Loretta Young e John Boles. Um romance lindissimo que tocará profundamente a alma e o coração das mulheres. Um bello espectaculo.

ESCANDALOS DE GEORGE WHITE DE 1935. — A soberba revista do maior empresario de revistas de Nova York, o famoso George White, Alice Faye, Ukelele Ike, Lyda Roberti, James Dunn e uma comparsaria louca.

ROSITA MORENO

A MASCOTTE DO REGIMENTO. — Shirley Temple, Lionel Barrymore, uma combinação artistica assombrosa. Este vem marcando "records" de bilheteria nos Estados Unidos, verdadeiramente incriveis.

SOB O LUAR DOS PAMPAS com Warner Baxter e Ketti Gallian.

VIDAS SECRETAS — Producção de Sol Wurtzel com Mona Barrie e Gilbert Roland.

LOURAS EM DESFILE — Producção de Lasky com John Boles e Loretta Young.

INFERNO DE DANTE — Producção de Sol Wurtzel com Spencer Tracy, Claire Trevor, Alan Dinehart, Henry B. Walthall.

A VIDA COMEÇA AOS 40 ANNOS com Will Rogers, George Barbier, e Rochelle Hudson.

MAIS UMA PRIMAVERA com Janet Gaynor Warner Baxter, a gloriosa dupla de "Papae Pernilongo".

DIVISAS E GALÕES com Victor Mac Laglen.

Parou.

— E mais algumas surpresas no correr do anno! E Arthur de Castro tinha um ar de victoria.

RAUL ROULIEN.

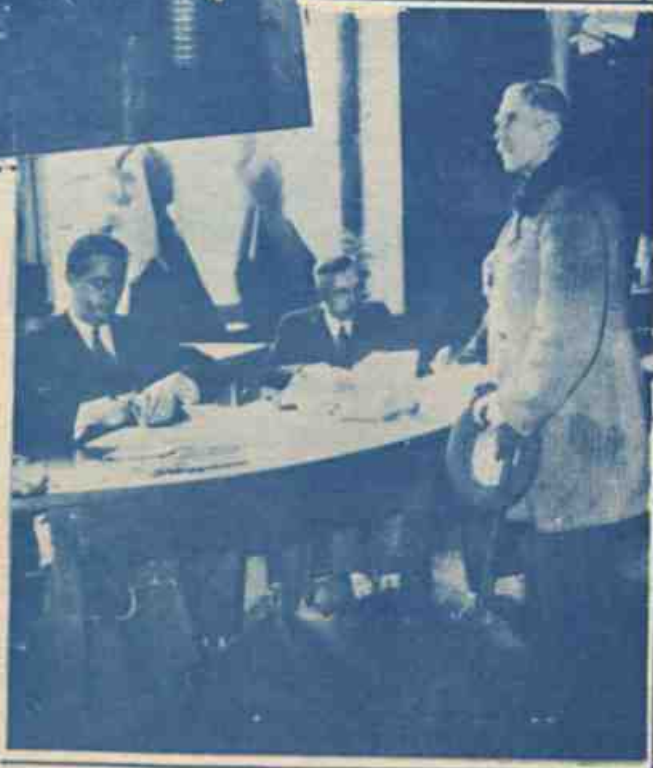
O MUNDO

UMA PARTIDA DE HOCKEY NA ALLEMANHA. — No "Stadium" Olympico nos Altos Bavaros, na Allemanha, disputa-se uma renhida partida de hockey

ADIOS, MUCHACHOS! — La Argentina, famosa dansarina, photographada a bordo do "Champlain" de regresso á Europa. La Argentina fez successo em New York, onde deixou muitas saudades.

CONTRA OS GAZES ASPHYXIANTES. — Inauguraram-se em Paris os primeiros abrigos subterraneos destinados á defesa contra os gazes em tempo de guerra. Nesta photo vemos dois homens da turma de soccorros vestindo os seus uniformes impermeaveis, que são munidos de mascaras.

O AGULHEIRO HUMANO. — Este homem, que se chama Albert Fish, teve seu nome nos jornaes, estes ultimos dias, na America saxonia. Contam que, quando recolhido ao hospital de East View (N. Y.), foram extrahidas de seu corpo vinte e nove agulhas!...

ECHOS DO PLEBISCITO DO SARRE. — Franz von Papen, ex-chanceller do Reich e agora Ministro da Prussia, compareceu tambem ás urnas, para dar o seu voto em prol da annexação do Sarre á Allemanha. Eis aqui o famoso estadista na secção eleitoral de Sarrebruck.

EM REVISTA

VICTORIA POLITICA. — Os senadores Hiram Johnson e William Borah dando-se as mãos fraternalmente em regosijo por uma victoria obtida ultimamente, na Camara Alta americana e relacionada com a Liga das Nações.

DE SCYLLA PARA CHARYBDIS. — Hauptmann deixa a prisão provisoria de Flemington e segue para a penitenciaria de Trenton. A' direita, o "sheriff" Curtiss. E' a primeira photo em que Hauptmann apparece algemado.

BARCOS DE SOCCORRO SEM REMOS. — Cap. George Fried, chefe dos inspectores de navios da America, Leslie Banyard, comm. do "Monarch of Bermuda", e Dickerson Hoover, director-geral dos Serviços de Navegação. Inspeccionam um novo typo de barcos salva-vidas sem remos.

HEROES DO AR. — Da esquerda para a direita: Coronel Eddie Rickenbaker, az americano; cap. Boris Sergievsky, recordman de numerosos raids; Clyde Pangborn, um dos vencedores do vôo Londres-Melbourne; Helen Mc Closkey, a mais veloz das aviadoras, e Jimmie Little, voador transcontinental, que bateu um record de velocidade. Foram diplomados pelo Aero Club de Washington.

UMA DESCENDENTE DE BERNADOTTE. — O rei Gustavo, da Suecia, sorrindo para a sua netinha, a princeza Margareta, que descende de Gustavo Bernadotte, general francez proclamado rei da Suecia. Circumdam o soberano os principes Gustavo e Adolf.

Dr. Eurico de Souza Leão

O XVI anniversario d "O Economista"

Com o numero do proximo mez de abril, completa "O Economista" o seu XVI anno de publicação. Trata-se de um grande mensario dedicado á economia, finanças, commercio e industria, que desfruta de um largo prestigio entre as classes conservadoras do nosso paiz e entre todos os que se dedicam aos assumptos commerciaes, entre nós, graças, principalmente, á serenidade e justeza dos seus commentarios, ao escrupulo das suas informações, á abundancia do seu noticiario.

Esse prestigio se tem accentuado ultimamente, principalmente depois que assumiu a sua direcção o nosso brilhante confrade, Dr. Eurico de Souza Leão, profundo conhecedor desses assumptos.

"O Economista" tem como redactor-chefe o jornalista Luiz Annibal Falcão, escriptor de merito, e um corpo distincto de collaboradores e auxiliares.

Com taes elementos, aquelle mensario se impoz em todos os meios em que circula, occupando, assim um logar de destaque no meio da nossa imprensa periodica.

Um duo de successo

Babby Lillette and Schiley Richards, o esplendido par de dansarinos que está fazendo um extraordinario successo no Casino Atlantico, com um dos melhores numeros que se exhibem no seu "Grill-Room".

"Rythmos de Inquieta Alegria"

Violeta Branca é um nome já conhecido e apreciado nas letras brasileiras pelo seu bello talento. E' o nome de uma poetisa illustre pela sensibilidade artistica, pela originalidade dos seus poemas em cujos versos canta a musica de um rythmo de inquieta belleza, onde explode a graça da mocidade e onde o pensamento domina em idéas e imagens esplendidas.

Do seu formoso livro, "Rythmos de Inquieta Alegria", se tem occupado toda a imprensa do paiz e o Sr. Rodrigo Octavio, quando saudou, na Academia Brasileira de Letras, a joven poetisa, declamando-lhe os versos, consagrou-lhe expressões do mais alto destaque.

No dia em que a inspirada poetisa foi agradecer essa significativa homenagem, depois da saudação com que a recebeu, em sessão, o Sr. Affonso Celso e depois da leitura da bella carta com que o Sr. Rodrigo Octavio abre os "Rythmos de Inquieta Alegria", a illustre companhia acolheu, com palmas, enthusiasticas, a presença de Violeta Branca e as palavras que lhe dedicaram os dois illustres academicos.

"Arêotorare"

Lobivar Matos, jovem poeta de Matto Grosso, que tem honrado as paginas d'O MALHO com a sua collaboração scintilante e original, lança, agora, no mercado, o seu primeiro livro: "Arêotorare", edição dos Irmãos Pongetti.

São poemas das suas selvas dos seus indios, da sua terra estupenda e maravilhosa, nos quaes crepita muita seiva e arde um espirito inquieto e vivo. Tumultuosos ou suaves, nos seus versos scintilam notas de originalidade que hão de chamar a attenção da critica, forçosamente, para a arte desse joven poeta, que Matto Grosso nos manda.

BALÃO DAS SETE CORES DO ARCO-IRIS

Por J. Fernandes Filho

Que sonho delicioso! O garoto sorria de prazer. Parecia impossivel que, naquella cama tão dura e nua, naquelle quartinho miseravel, com milhares de frestas, por onde o vento — fantasma nocturno das casas pobres, entrava e sahia, deixando o frio do seu hálito, parecia impossivel, sim, que aquelle garoto pudesse dormir tão bem, e sonhar sonho tão delicioso.

Que felicidade era aquella, que o frio do vento não conseguia remover dos labios do pequeno jornaleiro ?

E o sorriso bailava, ora apressado, ora compassado, naquellas facesinhas encovadas.

E' que o pequeno vendedor de jornaes sonhava que Jesus, o Santo Poeta Loiro, lhe promettia para o dia de S. João, aquelle enorme balão das sete cores do arco-iris, que estava ás suas vistas, dependurado lá naquelle cantinho do céo. Mas, o Santo Poeta Loiro, havia imposto uma condicção: o garoto teria que ser, sempre, um bom filho, trabalhador infatigavel, para que nunca faltasse nem pão nem tecto á sua velha mãe, muito velha mesmo.

(O garoto, aqui, ficou zangado. O sorriso amedrontou-se). Então, não era um bom filho? A sua gargantinha não estava inflammada de tanto gritar? Quantas vezes, debaixo de feias tempestades, sem um abrigo siquer, fiel cumpridor de seus deveres, batia a porta do freguez, enchendo-lhe o cerebro de conhecimentos, saciando-lhe a curiosidade? E, emquanto não tivesse ganho seu dia, mesmo que a fome — você sabe o que é a FOME, oh Santo Poeta Loiro? — o maltratasse com suas pesadas exigencias, não ficava elle o dia todo fóra?

A sua mãesinha era testemunha do seu bom procedimento, pois, o recebia sempre com beijos e bençoes.

(Aqui, Jesus não poude segurar um sorriso, e abraçar o pequeno vendedor de jornaes. Ao contemplar tão sublime espectaculo, o sorriso, que se havia retrahido, entrou em scena, de novo, applaudindo com enthusiasmo).

A felicidade era aquelle balão das sete cores do arco-iris, que o Santo Poeta Loiro lhe promettia para a noite de S. João.

—:o:—

Mal apontou o dia, já estava o garoto á espera de que lhe entregassem seus jornaes.

A sua voz, naquella tarde, tinha as festividades do dia. Contente, não parava, ora trepando nos bonds em movimento, ora atravessando por entre automoveis em disparada.

O jornal, naquelle dia, parecia conter maiores novidades, pois era um nunca parar de vender.

"Olha "O Globo"! "A Noite"! olha "O Globo"!

E a sua voz era voz de passaro em liberdade. De todos os lados chamavam-no. Alguem, do interior de um bonde em movimento, scenou-lhe. Mais que depressa, o garoto saltou para o estribo. Mas o fez com tamanha infelicidade, esbarrando no conductor de bigode insolentes. O sujeito, num impeto selvagem, com um safanão, atirou o pobrezinho do garoto fóra do vehiculo em velocidade. No instante em que cahia ao solo, um automovel, tão selvagem quanto o conductor bigodudo, colheu, em cheio, o corpinho magricela do pequeno jornaleiro.

—:o:—

Coitadinho! Olhos embaciados, olhava tanta gente espantada em seu redor. Parecia-lhe que ali estavam todos boquiabertos, invejosos da sua immensa felicidade. Sim. Então, quem, ali, era mais feliz? Ah! o balão das sete cores do arco-iris! O Santo Poeta Loiro ali estava sorridente, com o balão para lhe dar.

— "Tá vendo, agora, como sou bomzinho? Me dá o meu balão..."

A sua vozinha mal atravessava os labios já sem vida. Levantou os bracinhos como si estivera recebendo o objecto da sua maxima aspiração. Em gestos lentos, sobraçou o balão do seu delirio, chegou-lhe fogo á tocha, assoprou-a, e, quando o viu inchado de fumaça, soltou-o no ar. Um sorriso de infinita satisfação foi morrendo-lhe nos labios. Cerrou os olhos, e os bracinhos frageis cahiram, abandonados.

A sua alminha de anjo, balãozinho das sete cores do arco-iris, subiu... subiu... subiu... até se dependurar naquelle cantinho lá do céo, onde o pequeno vendedor de jornaes o vira pela primeira vez.

O BARBATÃO AZUL

Conto de JOFILI FILHO
Illustração de ALOYSIO

ERA no fim das aguas, pleno junho, os terreiros inda alagados das derradeiras chuvas.

O sol, vermelho e baixo, ardia atravez da caatinga solitaria como a ultima fogueira do S. João. O rigido nordeste, baixando das montanhas, soprava nos ramos verdes das juremas e rodopiava nas clareiras lividas. Na rechã escura esvoaçavam os caborés.

E Miro, o moço vaqueiro, quando o sol desapparecia por traz das montanhas silenciosas, tomou a viola cantadeira e, acocorado na soleira tôsca, cantou:

"— Si rôbei teu coração
tû rôbasse o meu tômbem,
si rôbei teu coração
é pruquê te quero bem..."

O céo era cada vez mais rubro. A ventania sacudia, abalava a latada, e os marmelleiros sibillantes soltavam derredor as folhas amarellas...

Lá em baixo, no silencio da charneca, a agua clara do lamarão reflectia tudo: — o cimo esbraseado de uma oiticica... os "nimbus" altos, resplandecentes como ilhetas d'oiro... o azul brilhante manchado de sangue... E nuvens purpureas fluctuavam naquellas solidões como o manto revolto dos ventos sobre as aguas...

E elle cantava, cantava... E, emquanto cantava e o sol se ia, numa revoada loira de pintasilgos, as estrellas encantadas vinham de todos os cantos do céo e pairavam sobre a choça melodiosa e agreste...

O crepusculo apagou-se. As sombras enchiam os caminhos como uma fumaça. Pyrilampos passavam no terreiro como lanternins na ventania!...

E, na soleira tôsca e esteril, — porque nunca fôra cruzada pelos pés de uma virgem —, o moço vaqueiro, com a alma nos olhos e o pensamento na faceira Mauby, cantava á desgarrada.

O vento esvoaçante arrebatava-lhe da bocca as palavras do estribilho, e, batendo as asas entre as frondes, espalhava, no ar, até ás estrellas, o éco ardente, melodioso, entrecortado:

"— Si rôbei teu coração
é pruquê ti quero bem,
pruquê te quero bem..."

E pelos olhos negros do vaqueiro, pela fronte alta e revolta passavam, — como miragens luminosas, — as rajadas das recordações...

—:o:—

Via-se, como ha tres dias, na vaquejada do S. João, em "Sombras Largas". O pateo fervilhava de gente. Miro fazia voltear o seu veloz caxito... — Cabrochas "dengues", com flores silvestres nos cabellos e endomingadas, applaudiam, agitando no ar ramos floridos de mofumbo e os braços nús...

Quando voltava de uma "esteira" vertiginosa, uma "cunhã" esbelta e galgaz postou-se deante do seu pôtro e, toda tremula, baixando os olhos, num "sobrôsso": —

— Como si xâma o seu caxito, "seu"?

— Veloz! doninha...

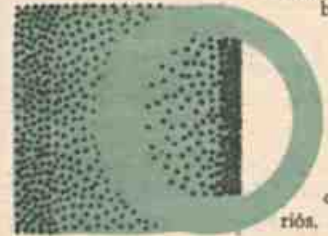
— Apois dêxa eu butá uma fitinha no Veloz? — E, sem esperar mais nada, pregou uma laçaria no peitilho do Veloz.

— Deus li pague, doninha. — E Miro deu de redeas. E ella: —

— Pér'ahi, "seu" éinda tem!

E rapida, levando á nuca os braços virgens e nus, dobrando-se toda para traz, procurava desprender dentre os cabellos finos um raminho de malva-rosa.

O pôtro fremente tremia o jarrête e voltava os olhos cheios de vertigens para os lados do pateo. O vaqueiro impaciente retinha as redeas. E a cunhã nervosa se esforçava debalde para desvencilhar o raminho...

Num safanão mais brusco, que a abalou toda, trouxe um ramilho verde entre os dedos e, toda rosada, levantando os olhos claros como arrióa, offereceu-o a Miro: — Tome, "seu". Sinhora da Guia vae aidente do Veloz!

E afastou-se arrebatadamente.

Miro viu inda a saita azul ondular um momento, e desapparecer na multidão....

—:o:—

Após a apartação agitada, em que houve proezas, accorreram todos ao vasto alpendre engalanado e festivo, onde começavam as dansas. Miro prendeu o Veloz num joazeiro, e approximou-se.

O terreiro transbordava de gente. Dentro a sala fervia. Ondas fulvas de poeira sãhiam pelas janellas abertas, por debaixo das portas, pelo telhado. E, de longe, naquelles ermos descampados, aos clarões do sol pendente, o velho casarão sonoro semelhava uma caêira monstruosa, a arder...

Um clamor immenso pairava no ar. Atravez o estrepido dos pés que se arrastavam, dos berros, das gargalhadas, dos assobios que abalavam as paredes, ouvia-se, a intervallos, o crebro resfolegar da "concertina" e os guinchos furiosos de uma "rabeca" doida. A sala parecia vir abaixo!

E, envoltos naquelle turbilhão, os pares, entrelaçados e em linha, ondulavam á uma, emquanto uma vozita esganiçada estropeava os "passes" de uma quadrilha: Balancé! Trevessê! Pás di quatro!...

Aqui e ali, recostados ao poial das janellas, ao humbral das portas, grupos de vaqueiros cavaqueavam tranquillamente, pitando nos tôscos cachimbos de cereja.

Miro relanceou em volta um olhar ansioso, mas apenas lobrigava sombras allucinadas que passavam, pupillas faiscantes, num rodomoinho...

Achegou-se a um "rancho", no meio do qual gesticulava um velhote inda rijo e espigado. O assumpto era — vaquejadas, montarias, bois.

Na sua arenga arrebatada, o velhote arrepelava os braços, abria-os, agitava-os. Os seus gestos sacudiam-lhe a bella barba grisalha que lhe vergastava o amplo peito encourado. As pupillas faûlavam, e as ramosas sobrancelhas ficavam-lhe, a momentos, no meio da testa. Estava afogueado, soprava. Pelo geito narrava qualquer coisa terrivel, medonha! A roda, embevecida, escutava-o. Tratava-se, por certo, de um desses veteranos, desses mestres consummados em materia de campo e vaquejadas.

E, sem parar, recordava o velhote as vaquejadas de outr'ora, em que tomara parte, os famosos montadores do seu tempo. Proseguia em crescente enthusiasmo, enumerando, um a um, os melhores vaqueiros presentes naquella sala e as respectivas montarias: — o "Rutilante", o "Pinga-fogo", o "Ventania"... Todos garanhões velozes, adestradissimos. Falou depois das rêzes que vira no curro, ao pé do pateo; e, comparando-as aos corredores que as iam "puxar", rematou, firme e seguro: —

— Todas levo hoje o seu puxão; só o balbatão azû fica in pé. Nun vejo aqui carrálo cua unha pra elle. Tarveis só o "Quilina Branca" do Puna, tarveis!...

E afastou-se, baforando o seu cachimbo.

Logo choveram os commentarios sobre a prophecia do "Xico Véio", o incomparavel vaqueiro de ha dez annos, o melhor conhecedor de cavallos, o domador de pôtros bravios...

E Miro, commovido, percebeu que o cercavam os melhores vaqueiros dos sertões!

No emtanto, todos temiam o "marruá" azul!

— Qui dianho de bixo siria êsse? — E Miro, sem saber porque, sentiu um batecum no coração...

Mas um mulato cacheado, de beiços grossos e olhar sanguineo, entrou a falar do "barbatão".

Contavam proezas incriveis dessa fera. Já corria até uma lenda arrepiadora: — que tinha pauta com o cão, que era o proprio Capirôto!

De uma feita, um rancho de "campiadores" botara-se aos "taboleiros", decididos a quebrar o encanto do bicho: haviam de trazel-o, vivo ou morto! — Foi um "campão de nove dia. Foi trabaião!" — Afinal, depois de uma luta desesperada, "enxucaiáro o bruto". Isso mesmo devido a um incidente imprevisto — (O céo nos ajudou! — diziam os vaqueiros) : — varando a caatinga, em desabalada corrida, enfiara a mão num fôfo de furmigueiro e fôra ao barro! Todos cahiram-lhe em cima! E o barbatão, peiado das quatro e mascarado, fôra tangido para o curral onde o deixaram. Á boquinha da noite, depois de lhe reforçarem todas as peias. — Noite velha, ouvira o vaqueiro uns esturros desesperados, que vinham do oitão (o curral era pegado á casa). Doeu-lhe no cabello, aquillo! E sahe, devagarinho, pé ante pé, todo arpiado, a espreitar pelos varaes da porteira... O bicho tinha desapparecido: — o curral estava deserto! E as peias inda lá estavam, juntinhas, abotoadas, no chão todo escavacado, ao clarão da lua...

Um sussurro de espanto levantou-se, e um arrepio de medo correu a roda supersticiosa...

E o mulato de beiços grossos e olhar sanguineo, rematou: —

— O "Xico-Véio" tem razão! Quem si astrivia a puxá esse bixo ispritado?

E todos, á uma, declararam que "nun havia ali quem si astrevesse..."

No emtanto, ali estava o Puna e o seu baio famoso! Na verdade, era um pôtro esplendido, amestradissimo, vivo como azougue! Miro lobrigara-o, de passagem, no terreiro, debaixo de um flamboyant: — tinha o freio entralaçado de fitas, á conta das suas façanhas temerosas... A mão que lhe guiava as redeas atravez das vaquejadas, não era menos destra; e todas as esperanças volviam para o unico vaqueiro capaz de enfrentar o marruá.

— E' prumod'isso, pensava Miro, que o Puna véve arrudiado do moceiro... Adonte tá ella?

E os seus olhos dardejaram pela sala... O famoso vaqueiro lá estava: — de pé, calçado com as suas botas novas, nagalhão vermelho ao pescoço, a gesticular, a discutir, numa roda graciosa e animada.

— Não, ella não tava lá!

E Miro suspirou.

Entrementes, o Puna, seu tanto alegrete, passeava por sobre a roda que o acclamava o seu carão vermelho e radiante... Gabava seu festejado baio; e, alardeando as suas qualidades de bom corredor, protestava que "quebrava o bixo azû logo na arrancada, mermo nu pé du muirão!" — Troaram palmas, applaudiam-no, todos gritavam-lhe pelo nome. Então, levado naquelle delirio, berrava em plena sala, desafiando um competidor para disputar com elle, na corrida do marruá!

Ninguem apparecia, estava só! No entretanto, falava bem alto...

Sinão quando irrompe do corredor uma saita leve e azul; esvoaça até o meio da roda e, pondo em Miro os claros olhos cheios de relampagos e de intrepidez, lançou este desafio: —

— Aqui é d'. ôme qui quebrá o bixo azû!

E acenava no ar, por sobre a cabecita castanha, um galhinho de camará da serra!

Miro reconheceu-a: — era a cunhã esquiva! E, rapido, num arremesso brusco, num impeto irreprimivel, deu um passo á frente — mesmo deante do Puna! — e bradou: — Eu!

E estendeu a larga mão aberta, que o vaqueiro apertou de rijo, num estremeção.

A cunhã fez um sorriso indefinivel. Aspirou com força as flôristas cinzentas do camará, e afastou-se, silenciosa e pensativa...

—:o:—

O barbatão azul, — magnifico especimen do sangue indiano, — era um novilho baita! Escorreito e luzidio, pisava na ponta do casco, e era tão subtil que mal acamava o pasto, na passagem... Jarretes elasticos, flexiveis como o arco dos "bodoques". As pontas altas, abertas, as infladas narinas, os olhos chammejantes, — davam-lhe um aspecto terrivel, desafiador, selvagem. Tinha as pernas delgadas e curvas, pescoço volteado, anca batida — indicios de resistencia e velocidade incriveis.

Quando o tangedor, de aguilhada em riste e, por uma aberta da estacada, picou-o na anca, soltou um coice tão furioso que a vara partiu-se e voou em estilhaços por cima do curro. E, amocambado a um canto, cabeçôrra baixa, no pó, ullulante, atirava para o lombo arqueado bulcões de terra negra...

Como não apparecesse quem se afoitasse a "abrir esteira" na temerosa corrida, os dois vaqueiros, silenciosos, tomaram os seus postos, deante dos moirões. Dos lados, boiadeiros, de aguilhada em riste, espreitavam, para "fazer a tirada".

De repente fez-se um grande silencio. Uma serenidade azul brilhava sobre o pateo. Um vento quente passava...

Miro, do alto da sua sella, espraiava o ansioso olhar por sobre aquellas frontes pallidas e desconhecidas. Parecia procurar alguem... Subito os seus olhos negros e varonis chocaram, um momento, com os olhos angustiados da cunhã, que buscavam os seus. Num gesto, ella arrancou do peito o galhinho de camará e acenou-lhe, sorrindo... Miro ia corresponder, quando um uivo dilacerante — bramido de dôr e de colera — ecoou aos seus ouvidos, e uma sombra rapida, — rapida como o pensamento, — passou-lhe deante dos olhos desvairados... A féra espirrara! O vaqueiro mal teve tempo de empunhar as redeas: o barbicacho arrebentou, o chapeirão cahiu-lhe; e, soltando um gritinho breve e estridente, pegou o Veloz nos ferros — e voou!

O Crina Branca, que arrancara primeiro, ia adeante um metro!

Caudas horizontaes, distendidas, os esguios corpos alongados, os ventres rastejantes — os animaes velozes sibillavam atraz do barbatão bravio como dardos alados que seguissem uma seriema, em pleno vôo...

E lá se vão! Velozes, confundidos, de embolada com o boi terrivel, arrebatados num turbilhão, numa vertigem, em velocidade espantosa. Mal se lobrigava o lombo escuro do marruá entre as duas sellas...

Afastavam-se, ficavam pequeninos, quasi indistinctos... Agora é uma nodoa tremula a esvoaçar, renteando o solo do descampado immenso...

Numa volta pareceu á cuanhã que os dois vaqueiros se debruçavam a um tempo sobre o arção das sellas; e, braços estendidos, convulsos, tateavam na poeira a saia do barbatão... Por ahi se via que o Veloz não perdera tempo: — emparelhara o baio! Já ambos pousavam as narinas fumegantes na anca do boi velhaco, que encolhia a "bassôra" entre as pernas velozes...

Miro, — o raminho de malva-rosa entre os dentes, o vento a assobiar-lhe nos cabellos, numa vertigem, debruçava-se para a voragem... Despedia, a momentos, o mesmo gritinho agudo, breve estridente: — ê — cô! O Veloz, estimulado, desapparecia! E o destemido vaqueiro, todo cahido sobre o arção, braço estendido, fazia esforços sobrehumanos para dar volta á saia do novilho que, sentindo-se perseguido de perto, corria cada vez mais!

Além da astucia do bicho, que conservava a cauda invisivel, tinha que disputal-a ao Puna que, com a cara vergastada pelas crinas do baio, — tão derreado estava! — procurava arrebatal-a!

E o turbilhão avançava! Os cavallos iam tão juntos que os lôros se tocavam, as crinas fluctuantes confundiam-se...

A velocidade era tamanha, que a área immensa fôra devorada num minuto, e o barbatão ia afundar na caatinga! Mas um fosso imprevisto atravessa!se-lhes por deante. O boi ia direito ao fosso; os cavallos seguiam-no de perto.

Subito, a fé, que se adeantara cerca de duas braças, volteia, ligeira como o raio e, com um uivo estrangulado, apara nas pontas curtas e aguçadas, o Crina Branca, em pleno peito! Com o embate, o barbatão vergou os jarretes, gingou, agachou-se todo, ficou chato com o chão... mas ficou firme! E o Crina Branca, com um gemido formidavel, voou por cima, de escantilhão, com cavalleiro e tudo, e afundou no fosso!

O Veloz, que vinha mesmo embalado, as redeas soltas, não poude estacar: — levantou-se nas patas trazeiras — deante do abysmo — e, em esplendido arremesso transpol-o, num salto estupendo!

O barbatão que se erguera lepido, o arcaboiço abalado, atordoado do choque, lá estava, de pé, todo sacudido pelo cansaço e pelo furor! Ao ver-se atalhado, rodou subito nos jarretes e, em corcovos desesperados, espirrando fogo das narinas, enfiou na pista percorrida. Miro soltou um grito, e o Veloz, arrebatando-lhe das mãos as redeas leves, retranspoz o fosso, e partiu como uma bala!

A distancia diminuia cada vez mais, porque o barbatão, meio "abombado", cedia: — já nem procurava occultar a saia longa que lhe batia nos jarretes frouxos...

Mas o cavallo, brioso e destemido, avançava sempre, no seu vôo rasteiro, terrivel, desenfreado...

Ao approximar-se do boi, abriu inopinadamente, á esquerda. Então o vaqueiro inclinou-se... e, agil, enrolando no punho rijo a saia bamba, firmando-se na sella, deu a "mussica" — uma mussica magistral, um arrastão de mestre! O bicho estradeiro, prevendo o embate, agachou-se ainda... Mas o chascão fôra rijo Logo entrou a vacillar, tranqueou... e aquella mole escura desappareceu num turbilhão de pó. Deu tres voltas rapidas sobre si mesmo, e ficou immovel...

Quando clareou, Miro sugigava-o pelas pontas ensanguentadas! Era inutil: — o barbatão tinha as pernas partidas, e fôra alcançado a vinte braças do curro...

. . . .

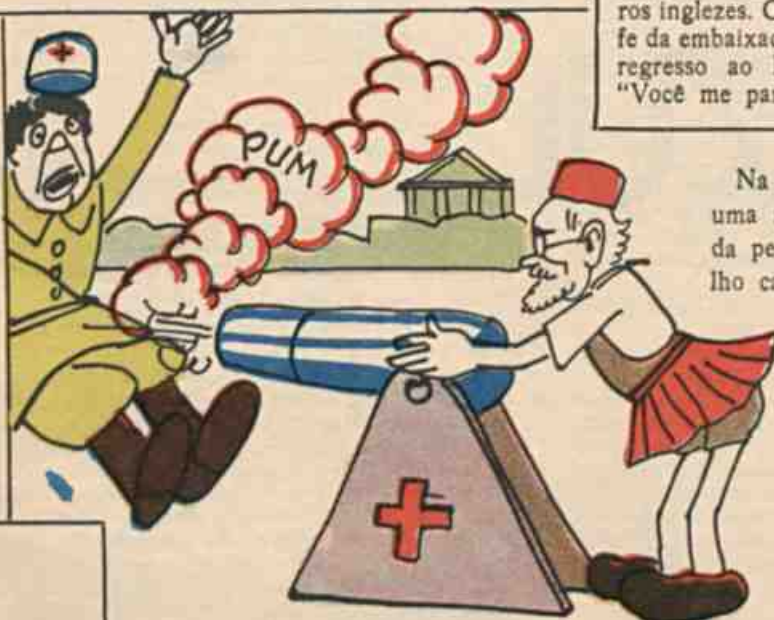
E, na neblina do sonho que o surprehendera, o vaqueiro via a facesinha triqueira da cunhã que sorria, sorria, sorria...

As estrellas empallideciam no céo.

O turista que aqui esteve no carnaval devia ter achado a nossa cidade incomparavel! Os ranchos de homens quasi nus as "cantigas" **"interessantes"**, os pandeiros da Avenida, e o preço dos taxis...

O povo este anno se phantasiou de **Néro**. Naturalmente se lembrou que a gente naquelle tempo já andava de tanga...

Dizem os telegrammas que não foi facil ao chefe da missão financeira **commover** os banqueiros inglezes. Com certeza o chefe da embaixada vem por ahi, de regresso ao Brasil, cantando: "Você me pareceu sincera"...

Houve tambem a tentativa de um bicho papão para assustar... Mas o carioca é uma creança que não acredita mais em almas do outro mundo!...

Na Grecia rebentou uma revolução chefiada pelo Venizelos, velho caudilho de intentonas goradas... Os revolucionarios que se reuniram na Ilha de Greta, declaram que não são **cretinos...**

Mais um revolucionario uruguayo internado no Brasil... O caudilho Basilio Munhoz, apesar de não ser poeta, terá que apreciar diariamente **o Bello Horizonte**... para onde foi exilado...

NO AMAZONAS

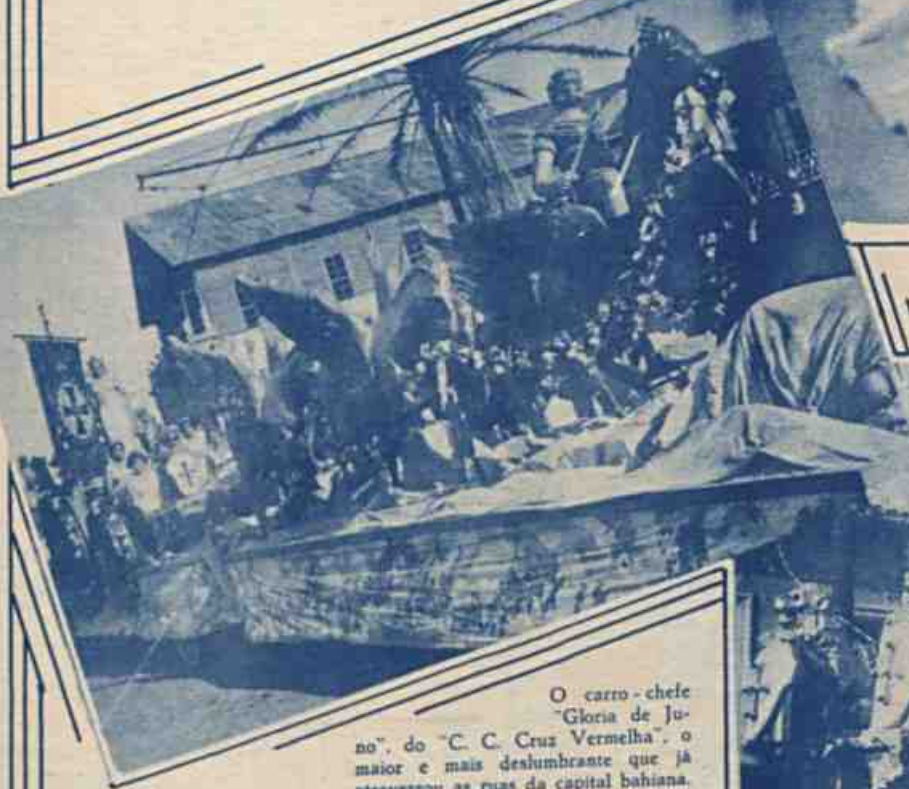
— Vamos depressa, vamos nos vestir de indios.

— Para que?

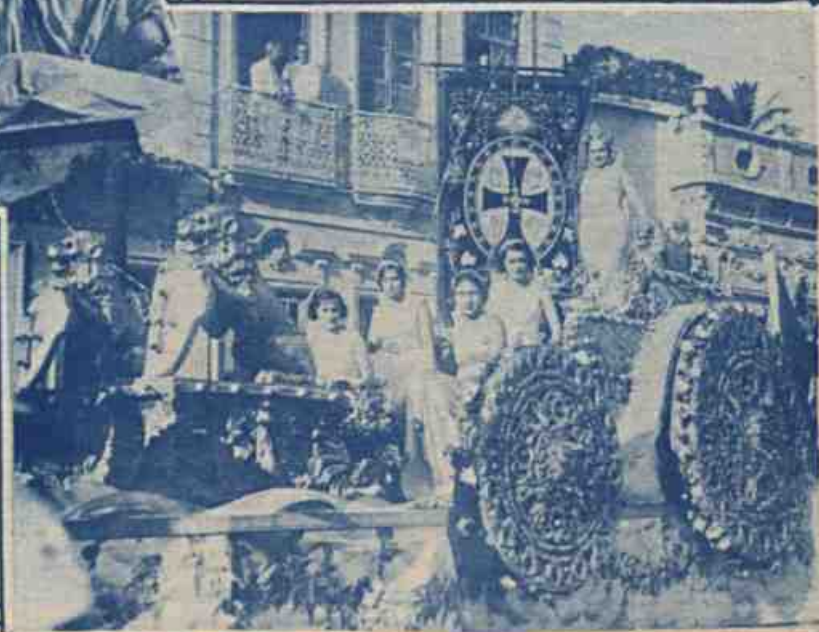
— Vem ahi uma outra expedição para nos descobrir!

O CARNAVAL NA BAHIA

Componentes da garbosa guarda de honra do "Cruz Vermelha", toda em vermelho seda, velludo e ouro.

A "Rainha do Carnaval", senhorita Lourdes de Azevedo, da alta sociedade bahiana, no seu throno de gala, trajada a caracter e trazendo a corôa de ricas pedrarias.

O carro-chefe "Gloria de Juno", do "C. C. Cruz Vermelha", o maior e mais deslumbrante que já atravessou as ruas da capital bahiana.

No proximo numero publicaremos outros aspectos interessantes do Carnaval na Bahia.

Uma parte do carro-chefe do "C. C. Cruz Vermelha", no qual figuram a "Rainha do Carnaval", como porta-estandarte, e quatro princezas.

NATAL — PRIMEIRO ABRAÇO DO BRASIL AOS AVIADORES TRANSATLANTICOS

Praia do meio —
Uma nesga de areia e um trecho do infinito.

Onde os navios atracam, trazendo novidades do Norte e do Sul.

Avenida Nisia Floresta, outro trecho bonito de Natal.

Rua Junqueira Aires, onde a capital potyguar toma ares de cidade grande.

Um pedaço de Natal antigo, onde veio aninhar-se o movimento commercial.

O "Dêdo de Deus", architectura monstruosa de montanhas, erguida perto do céo, num momento de divina inspiração, e embaixo, no vale poetico, a cidade de Therezopolis.

DEPOIS DO CARNAVAL

Nesta ultima quarta-feira de cinzas, eu descia a serra de Therezopolis, sob as bençõe proficuas do *Dêdo de Deus*, esse formoso ponto de admiração, que a Providencia collocou no alto miradoiro da mais bella cidade do mundo. A manhã era de uma claridade lyrica, de uma transparencia de crystal. Nos vagões desertos de passageiros, o ambiente era claustral, porque o silencio era monastico. Dir-se-ia uma *Troppa* immensa, trafegando. E o trem mergulhava nos abysmos, que marginam o leito da estrada, numa vertigem allucinante, correndo sobre *rails*, que se alongavam, parallelos e luzidios, como enormes tentaculos de aço.

Numa parada, em meio á descida, serranias abruptas, surgiu aos meus olhos deslumbrados o conjuncto panoramico, a visão féerica da cidade maravilhosa. Dormia, por certo, no esplendor da manhã incomparavel, a imperio de *Momo*.

Quatro dias de allucinações, de loucuras haviam reduzido o Rio ao estremunhamento do reinado de Morpheu. A' vista da capital encantada, alguns poucos passageiros — num acordar de resaca — despertaram como galvanizados pela impressão sempre forte, sempre deslumbradora desta terra sem par e, num hymno, bradaram arrebatados e incontidos:

"Cidade maravilhosa,
Cheia de encantos mil,
Cidade maravilhosa,
Coração do meu Brasil!"

E uma como scentêlha electrizou todos os carros. Desde os foguistas, na locomotiva longinqua, até aos guarda-freios, nas plataformas dos ultimos vagões, a canção patriotica dominava tudo, num côro enthusiasta, pasmoso, colossal. O scenario ambiente, com a sua magestade cyclopica, a bahia, no fundo, com a esmeralda do seu liquido e a cidade, como surgindo, irreal, de toda aquella moldura formidavel e unica, tudo aquillo impressionava, commovia até ás lagrimas. Espectaculo fantastico, na verdade!

Eu me recolhi, numa concentração de monge. Lembrei-me da Guerra apostrophando Paris, do alto de *Mont-Martre;* de lord Byron, invectivando Athenas, das eminencias da Acropole e Herculano profligando Lisboa, em frente ao *Chiado*.

Sim, emquanto os outros admiravam o encanto da terra maravilhosa, acordando, impenitente e peccadora, da mais tremenda de todas as loucuras, eu me lembrava das miserias, das dôres, do mundo de desditas, que iam pelo coração da *urbs* magnifica. Eu me apiedava de tantas ulceras secretas, sob apparencias tão douradas e tão enganadoras, que as cidades contêm!

E á mente, em tropel, como num estribilho fatidico, só me accudia a imprecação de Cezario Verde, á vista de Paris, em festas pelo "14 de Julho":

"Cidade, cidade que transbordas de vicios, de paixões e de amarguras".

E o trem rolava no abysmo, devorando distancias, silvando agudo por entre cabeços e penedias, a prumo, com a ancia, talvez, com a soffreguidão por certo, de rever, de rodar celere e triumphal, alacre e louco pelas ruas, pelas praças, pelo asphalto peccador da cidade unica. E' que o proprio trem, acordando da sua inconsciencia e da sua lethargia de inanimado, cantava, certamente, ou acompanhava, com a orchestra dos seus freios, da sua cremalheira e dos seus silvos estridentes, a canção empolgante:

"Cidade maravilhosa,
Cheia de encantos mil!"

Tudo doido, authenticamente doido, furiosamente doido!

ASSIS MEMORIA

Senhora

SENHORITA...

Mais um pouco e teremos as novidades maiores da estação ideal: o Outomno.

Tacteamos, por ora, na escolha dos vestidos e dos chapéos.

Porque, se alguns costureiros nos ordenam copas chatas, sem aba, sobre a cabeça, outros cantam a maravilhosa elegancia da grande capeline de feltro *souple*, branca, em geral, tambem idealmente colorida de rosa brandissimo, de azul pastel, de leve alaranjado.

De facto, com os vestidos de meia estação, uma silhueta assim "enchapelada", deve ser encantadora.

Assim, completemos os trajes aqui impressos com a "maravilha" em questão. Apenas ella póde ser confeccionada em feltro justo do colorido do vestido, o que não importa que o branco fique â maravilha com o azul e o vermelho, e o branco com sôpro alaranjado se case com o amarêlo quente.

SORCIERE

DE TUDO UM POUCO

OCCASO

(Horacio Cartier)

O sol, que derramou tanta scentelha
No nosso encontro aligero de um dia,
O esplendor da sua plácida agonia
Nos teus olhos de febre agora espelha.

Sentes, com a morte dessa luz vermelha
Que nos longes do occaso refulgia,
A aza de pluma, tépida e macia,
Do anjo da tarde que entre nós se ajoelha.

De fronte pensativa, e de mãos juntas,
Olhas o chão de flores, e perguntas
Se me entristeço porque o sol se esvãe...

E a noite desce vagarosa, emquanto
Em derredor de mim, suave, o manto
Da noite escura dos teus olhos cáe.

SUGGESTÕES A RESPEITO DA BELLEZA

(Por UNA MERKEL, **artista estylizada da Metro-Goldwin-Mayer**).

Deve-se usar "maquillage" nos olhos, tanto de dia como de noite, com mais liberdade agora do que antigamente. As modas actuaes exigem um pouco de originalidade na pintura do rosto. Naturalmente não me refiro á "maquillage" theatral, que se vê com frequencia. Prefiro adoptar sobria applicação que poderá ser intensificada á noite.

Aprecio as novas pastas azues, especialmente para as louras. Começo applicando o sombreado dos olhos: um pouco de pasta na ponta do dedo, espalho-a pela palpebra superior a partir do nariz (um quarto de pollegada), até cobril-a completamente, tendo o cuidado de esbater o sombreado nas arcadas, abaixo das sobrancelhas.

Molho bem a escova, enchendo-lhe a ponta com a pasta. Deste modo, e para que fiquem annelladas, penteio as pestanas superiores pra cima, em toda a extensão. Quanto ás pestanas inferiores, escovo-os cuidadosamente para baixo, o que as torna mais longas, e mais bellas. No fim da "maquillage" passo, de leve, nas sobrancelhas um lapis proprio, destinado a salientar-lhes as linhas. Escovo-as a seguir de modo que não haja differença entre a tinta do lapis e a côr natural.

Organdi de seda, plissado, e "peau d'ange" — vestido para jantar.

Jeannette Mac Donald — a "Viuva Alegre" de 1935.

A CONQUISTA DE PARIS

(Trecho do livro — Maria Antonietta — de Zweig, traducção de Medeiros e Albuquerque).

Nas noites escuras via-se claramente, das colinas de Versailles, erguer-se para o céu o halo luminoso de Paris; tão perto era a cidade da côrte. Um "cabriolet" com boas molas percorria essa distancia em duas horas, um pedestre em seis. Não seria, pois natural que a nova herdeira do throno logo no segundo, terceiro ou quarto dia depois de casada fôsse fazer uma visita á capital do seu futuro reino? Mas o senso, ou melhor, a falta de senso do cerimonial mandava suffocar ou deformar todas as fórmas do desejo. Entre Versailles e Paris erguia-se para Maria Antonietta uma barreira invisivel: a etiqueta. Effectivamente um herdeiro do throno da França não podia pôr os pés em companhia da esposa naquella capital, sinão solemnemente, depois de um aviso prévio e com licença de Sua Majestade. Exatamente o caro parente tratava de protelar o mais possivel aquella entrada solemne, aquella "joyeuse entrée" de Maria Antonietta. Por mais inimigos que fossem entre si, as tres tias beatas, a Dubarry, os dois irmãos ambiciosos, os condes de Provence e d'Artois, neste ponto estavam todos completamente de accordo: fechar para Maria Antonietta o caminho de Paris: não lhe queriam conceder um triumpho que de uma maneira demasiadamente clara mostraria ao povo a sua futura posição. Todas as semanas, todos os mezes, a camarilha palaciana cogitava novos obstaculos, um novo pretexto, e assim ia passando um semestre, um anno, tres annos, e a delphina continuava sempre prisioneira atraz das grades de ouro de Versailles. Finalmente, em maio de 1773, Maria Antonietta, feroz, perdendo a paciencia, entrou em luta aberta. Já que o mestre de cerimonias continuava a sacudir a cabelleira empoada sempre que ouvia aquelle seu desejo, pediria ella uma audiencia a Luis XV. Este nada encontrou de especial no seu pedido e, sempre fraco para com todas as mulheres bonitas, deu logo o seu consentimento á bella esposa do neto com grande desespero de toda a camarilha. Deixou-lhe até escolher a seu gosto o dia para sua entrada solemne na Capital.

Maria Antonietta escolheu o dia 8 de junho. Mas desde que o rei, finalmente, concedeu a licença definitiva, acha a traquina que séria divertido fazer uma das suas, para vingar-se dos regulamentos palacianos que, durante tres annos, a afastaram de Paris. E como muitos noivos antecipam a noite amoravel á benção do padre, para juntar ao prazer o encanto do fruto prohibido, induziu Maria Antonietta ao marido e ao cunhado, a fazerem pouco antes da visita publica e solemne uma outra occulta. Effectivamente poucas semanas antes da "joyeuse entrée" mandaram uma noite atrelar duas séges e dirigiram-se, mascarados, ao baile da Opera, na Mecca-Paris, a cidade prohibida. Como, porém, na manhã seguinte, graves e pontuaes apparecem na hora da missa, a aventura não fôra descoberta. Não houve escandalo, mas Maria Antonietta vingara-se, pela primeira vez, do cerimonial odiado.

CARTOMANCIA

FAZER FALAR AS CARTAS NÃO E' MAIS QUE UMA FORMA DE INTUIÇÃO — Tal a crença de Gabriel Luis Pringué. — As cartas constituem, segundo penso, um meio de expressão; é por ellas que se exterioriza o phenomeno da intuição que alguns possuem quasi sempre sem o saber. A intuição não é, afinal, mais que a leitura do subconsciente humano, onde está escripto o destino. Fiz, pela minha parte, experiencias surprehendentes.

Em principios de 1914, viajando pela Escocia, uma bohemia me predisse a guerra, precisando a data, sua duração e o papel que me caberia nella, accrescentando que terminaria num tratado diplomatico. Com effeito, ao terminal-a, formava parte do estado maior do general Nudent, na commissão inter-alliada do armisticio de Spa.

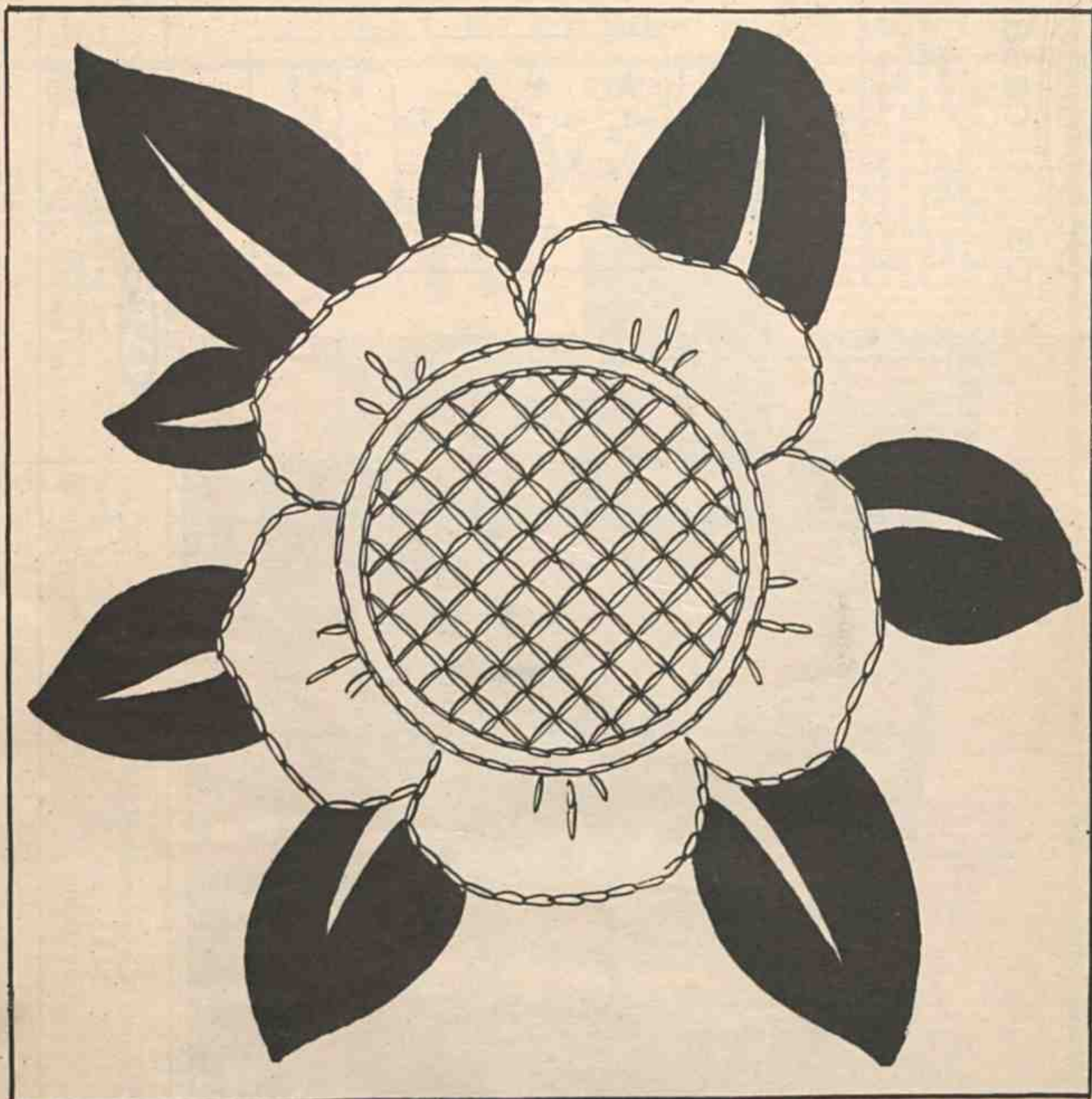
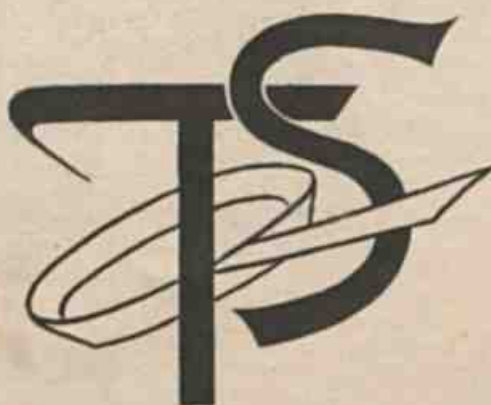
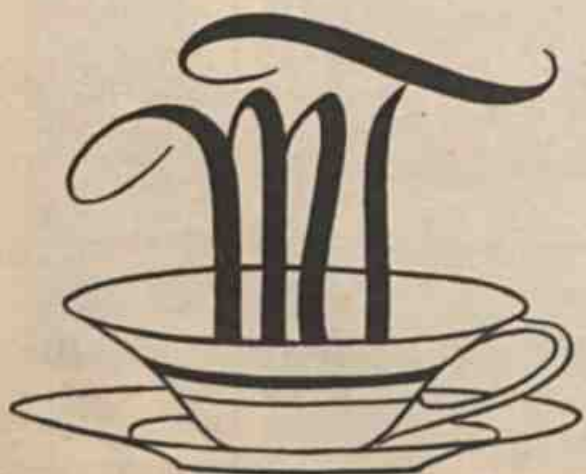
Outra cigana predisse a uma pessoa de minha amizade a infidelidade do marido e morte repentina. Confesso que os dois prognosticos foram acolhidos por mim com certa incredulidade. Oh! surpresa: alguns mezes mais tarde, a descoberta da infidelidade annunciada fez com que minha amiga partisse repentinamente, em viagem, donde recebi o telegramma: "Adivinha bulgara surprehendente. Meu marido morreu em X... Não o diga a ninguem. Detesto o luto..."

Numa das minhas viagens pela Hespanha, um dos meus amigos, verdadeiro homem de sciencia, conduziu-me á casa de uma chiromante na serra do Guadarrama. Conseguiu surprehender-me tanto que me installei em Avila, e tomava lições todas as manhãs, em plena serra.

Certo dia perguntei ás cartas por uma velha amiga de edade canonica, e tive a surpresa de vêr, perto della, repetidas vezes, um casamento de grande importancia. Até julguei que se tratasse da neta. Milagre! Tres mezes mais tarde a minha amiga canonica, unia-se a alguem, pelo casamento, um casamentão!

Isso prova que, ás vezes, as cartas são mais veridicas que a mais equilibrada das nossas supposições.

Decoração da casa

Sem duvida alguma esta sala mobiliada á ingleza é elegante. As cadeiras e a mesa, com especialidade, têm um cunho simples e original, pintadas de escuro e forradas de tecido imitando velha tapeçaria.

Motivo para almofada pegnoir, etc....

ANN HARDING — simples e elegante no seu vestido esporte.

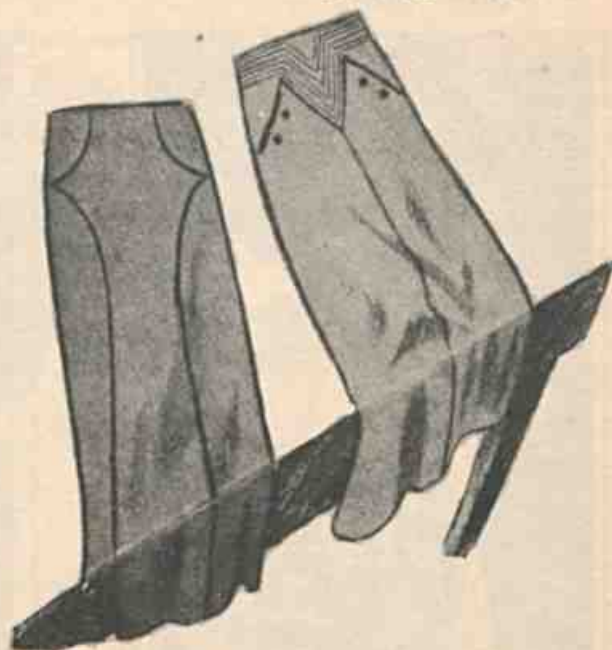
COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

A R.K.O. promette bellos films durante a estação que vae principiar. E a elegancia das artistas seduzirá, por certo, as leitoras.

Assim vejamos:

HELEN VINSON trajada com bonita renda em forro de setim "lamé", gola e "manchon" de tulle.

HELEN FORBES num vestido de crepe de seda proprio á meia estação.

Ainda HELEN FORBES num "negligee" de setim verde e renda de seda.

Saias de flanela.

Um grupo de elegantes blusas, para de tarde, devendo ser usadas com saia de moderna seda preta, marinho ou "marron": "marocain", "peau d'ange", "velours paysan"... — Em cima: blusa crêpe-setim azul fraco, gola no genero bolero, "clip" de metal prateado no decote, botões de metal nos punhos; blusa de crêpe rosa salmon e fios dourados, "clip" de diamantes no decote; blusa de "marocain" verde esmeralda. — Em baixo: blusa branca e fios de prata nova.

Trajes femininos

Novo chapéo.

A MODA para gente meúda

Graciosos vestidos apropriados a dias luminosos. Os pannos estampados, como vêem as leitoras, podem ser addicionados aos lisos; os lisos de duas côres — marinho e branco, anil e branco, verde forte e verde claro, destinam-se aos "garçonnets". Ainda podem ser talhados nos tecidos frescos, de uso no verão, embora a seda — crêpe, "toile de soie", "shantung" e linho e seda — tambem se indique para taes modelos.

O quarto das creanças. — (Serve para almofada, toalha da mesa, colcha e vestidos para creanças).

Pellos dos Braços e das Pernas

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Os membros superiores desempenham um grande papel na esthetica. Braços bem feitos, assetinados, constituem a felicidade de muita gente, sobretudo do sexo feminino, que tem a necessidade, pelos caprichos da moda, de tel-os sempre de fóra. Nos bailes, banhos de mar e em muitos outros logares de diversões, os braços bem conformados, delicados chamam a attenção e constituem, sem receio de contestação, um dos mais disputados predicados de belleza.

Os pellos são tidos, sem a menor duvida, como um dos maiores attentados á belleza dos braços e, por essa razão é que se exaggerou o emprego dos depilatorios. Entretanto, é prejudicial o seu uso, pelo facto de que são responsaveis pelo engrossamento dos pellos, ao lado de produzirem lesões dermicas. A simples penugem encontrada em muitos braços femininos transformar-se-á em negros fios de cabellos com o emprego dos depilatorios, navalhas ou gillete.

Em relação aos pellos das pernas, principalmente nos mezes de calor, por occasião dos banhos de mar, muitas senhoras costumam usar pedra pomes ou depilatorios. Não podemos deixar de condemnar esses habitos, pelo facto de que varias dermatoses podem apparecer quando se usam taes processos para depilação.

A navalha, gillete e os depilatorios fazem com que os cabellos engrossem, transformando a ligeira pennugem em fios pretos. Muitas são as senhoras e moças que, até hoje, lastimam ter applicado os depilatorios de qualquer especie, tanto no rosto como nos braços e pernas.

Actualmente é facil, relativamente a depilação definitiva e sem cicatrizes, dos pellos das pernas por meio da electricidade medica. Em poucos dias conseguimos eliminar radicalmente e sem dôr (desde que se use uma pomada ou liquido anesthesico qualquer) todos os cabellos das pernas, por mais grossos que sejam.

Com esse novo methodo, acha-se resolvido para muitas pessoas o problema dos banhos de mar e que não faziam uso desse optimo sport pelo facto de apresentarem pernas repletas de cabellos.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao **Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.**

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

PALAVRAS CRUZADAS

CONTEMPLADOS NO TORNEIO N.º 32 DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL

Roberto Pereira dos Santos — Rua Souza Neves, 13 — (Estacio).
França Gomes — Rua Dr. Jobim 37 — casa XII — Engº Novo).
Antonio Souza Barbosa — 2ª. Cia. — Bat. Escola — (Villa Militar).

SÃO PAULO

Mr. Frank — R. Climaco Barbosa, nº. 21 — S. Paulo.
Guarany — Caixa Postal, 6 — Piratininga. — C. ..
Lorice M. de Mello — Rua Bicudo Leme, 46 A — Pinda.

BAHIA

Medúsa — Rua dos Mysterios, 16 — Capital.

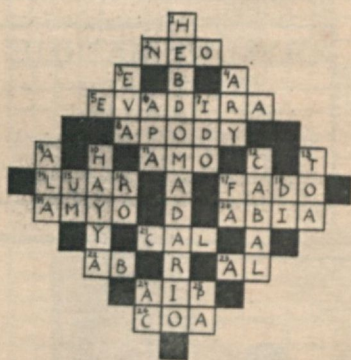
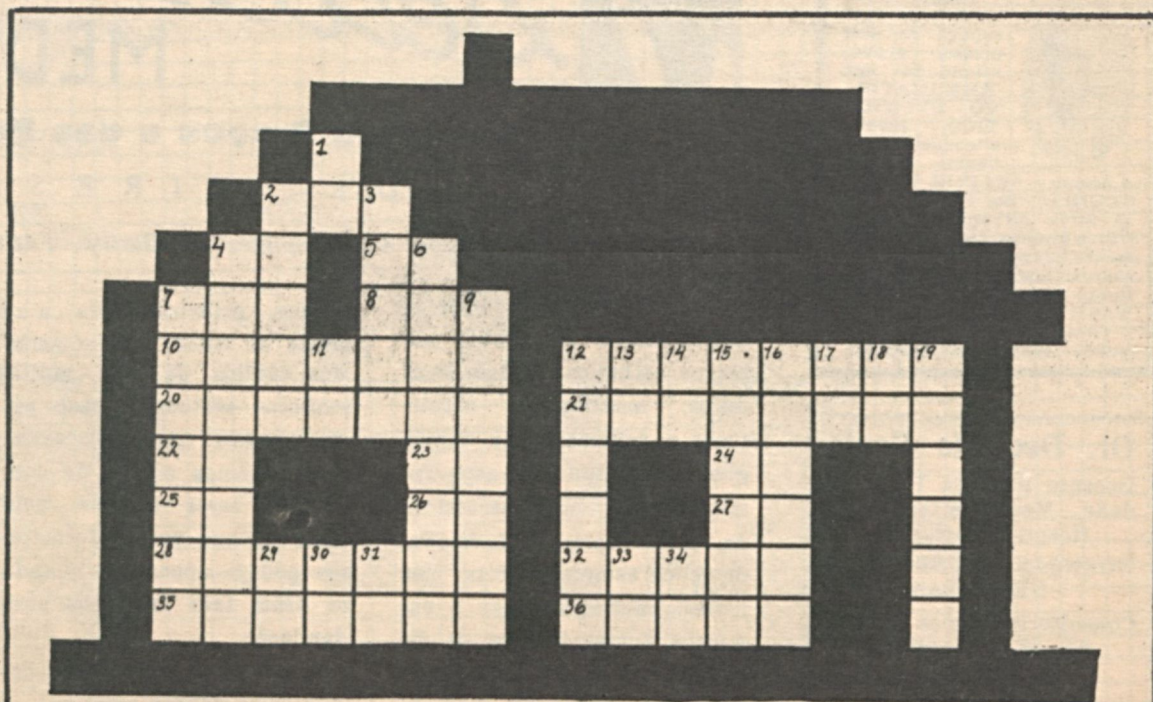
PARAHYBA

N. Lisbôa — Av. João Machado, n.º 613 — João Pessôa.

MATTO GROSSO

Joirce Viégas — Avenida Dom Aquino, 15 — Cuyabá.

RIO G. DO SUL

Sylvio Loureiro Chaves — R. Andradas, 1449 — P. Alegre.

A solução exacta do 32º Problema de Palavras Cruzadas

E' da autoria de nossa collaboradora Clara Maria o interessante problema que hoje publicamos.

As soluções deverão ser enviadas á nossa redacção, Travessa do Ouvidor, 34, Rio, acompanhadas do coupon devidamente prehenchido, até o dia 20 de Abril, data do encerramento deste torneio, quando, faremos o sorteio de *10 magnificos premios* entre os concorrentes que tiverem acertado.

Daremos publicidade ao resultado respectivo, em nossa edição de 2 de Maio vindouro.

Horizontaes

2) Combustivel.
4) Geito.
5) Rio da França.
7) Cidade Phenicia.
8) Affluente do Danubio.
10) Nascente.
12) Tecido.
20) Peça de moinho.
21) Imposto.
22) Andava para lá.
23) Guarda Nocturna.
24) Quasi erro.
25) Verbo neutro.
26) Começo da poesia.
27) Medida chineza.
28) Tecido francez.
32) Constellação.
35) Fiscal de municipio.
36) Roupa de homem.

Verticaes

1) Meio naco.
2) Parede.
3) Castanho escuro.
4) Estimulante.
6) Rei da Macedonia.
7) Audacia.
9) Theologo allemão.
11) Acerca.
12) General inglez.
13) De bôa saude.
14) Raça africana.
15) Medico e physiologista hespanhol.
16) Cura hespanhol chefe de guerrilhas.
17) Preposição.
18) Planta da China.
19) Dialecto.
29) Outra coisa.
30) Canhamo da India.
31) Ida sem fim.
33) Agronomo indiano.
34) Dirigir-se.

CORRESPONDENCIA

Recebemos, e vão ser submettidos a exame, trabalhos dos nossos seguintes collaboradores: *Vescha* — Rio; *Pedro Cunha* — S. Paulo; *Maria Luzinette Leão Rego* — Alagôas; *Cauby* — Minas; *F. Caffaro* — Rio; *Almeida Dias* — Bahia; *Souvenir* — Rio G. do Sul e *Dom Pedro* — Paraná.

PALAVRAS CRUZADAS

Coupon n. 35

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

CAIXA d' O MALHO

MANOEL LINS FALCÃO (Rio) — Sua poesia só tem de poesia, a rima. Apesar da piedosa intenção que a inspirou, não é possivel aproveital-a, pois está repleta de incongruencias.

BRENNO DE MENEZES (Belém) — Bem boa, a sua "Mãe Preta". Vou ver o que é possivel fazer para dar-lhe destaque.

JOSE' FARNESE (Pains) — Póde continuar a escrever no mesmo tom que me não molesta. Raramente, respondo aos consulentes desta secção, directamente. Não me sobra tempo, nem appetite. Por isso, não acceito o seu convite. O seu conto carece de interesse e vida. Está contado de um modo que não desperta qualquer emoção, num tom de relatorio burocatico. Você acha que isso é *xingar?* Se acha, peço-lhe desculpas, antecipadamente.

AIMBIRE (?) — O seu "Gargalhador profissional" não dá nem para provocar um risinho, desses que a amabilidade arma na bocca da gente, depois de ouvir-se uma anecdota sem graça, contada opr uma visita de ceremonia. Só fazendo cocegas. Peça ao Yantock, que elle lhe dará um modelo de apparelho de fazer cocegas, no leitor. Quem sabe se isso resolveria o problema do seu humorismo?

CONSELHEIRO LUAR (S. Paulo) — Ora, deixe-se de modestia! Seus versos são do melhor estofo. Lyrismo e do bom: facil, simples, espontaneo. Só não sei, é quando terei uma brechazinha para você.

J. AMAZONAS (Herval) — Boa a sua poesia, mas demasiado extensa. Não dispomos de espaço para tanto.

J. O. BRASIL (S. Sebastião do Paraiso) — Você manipulou tão bem a sua "Chimica do casamento", que não lhe posso recusar approvação. Muito bem: póde experimentar outras creações" que v. tem geito para esse genero de chronicas.

D. XIQUORIA (Ponte Nova) — Não preciso dizer que o seu ultimo trabalho foi approvado. Nesse genero, V. é muito interessante.

JOSE' CESAR BORBA (Recife) — Vou ver se consigo, fóra, o que me pede. Mas, com franqueza, V. tem mandado, de outras vezes, coisas muito melhores. Emfim... gostos não se discutem.

BANDEIRANTE (Campinas) — Tenho certeza de que esse conto já me foi enviado, anteriormente. Creio que lhe fiz reparos sobre o ambiente da taverna que está muito literario e a maneira de narrar, no começo do conto, é *demodée*. O conjunto, entretanto, não está máu. A descripção do prostibulo, de certo ponto em diante, é aproveitavel. Dê mais naturalidade á bebedeira da personagem central, dê realidade ao ambiente da taverna, descrevendo uma taverna commum, e o conto será publicado. Exijo-lhe isso, porque começo a ter, tambem, muita collaboração em prosa, o que me obriga a fazer uma selecção cada vez mais rigorosa. O enredo é bem aproveitavel.

EVA FLORA (Gymirim) — Peço-lhe desculpas, se lhe feri a vaidade. Não tive essa intenção. Sempre suppuz que a franqueza das minhas respostas encontrasse bom acolhimento. Principalmente entre as consulentes. As moças que escrevem, geralmente se perdem pelos elogios que recebem, quasi sempre sem sinceridade ou sem autoridade. De modo que o que lhes faz mais falta é um critico, mesmo rude, contanto que lhes diga a verdade, simplesmente. Creia que eu procuro ser tanto mais rude quanto mais estimo as pessoas a que me dirijo. A respeito do Carnaval, seria necessario muitas vezes o espaço desta secção para dar uma idéa que as illustrações photographicas das revistas e jornaes suggerem muito melhor. Sobre os cabellos de Charles Farrel, digo-lhe que aquillo é pura pilheria. Mande os originaes quando quizer.

DINORAH I. DE MATTOS (Rio) — Sinto repetir-lhe o que tenho dito a muitos outros consulentes: no genero frivolo, só posso acceitar um trabalho excepcionalmente brilhante.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

BREVEMENTE

MENSARIO DE
GRANDE FORMATO
EDITADO PELA
SOC. A. O MALHO